

O CLERO SECULAR MEDIEVAL E AS SUAS CATEDRAIS

NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

Coordenação

Anísio Miguel de Sousa Saraiva

Maria do Rosário Barbosa Morujão

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



Ficha Técnica

Título: O clero secular medieval e as suas catedrais: novas perspectivas e abordagens

Coordenação: Anísio Miguel de Sousa Saraiva; Maria do Rosário Barbosa Morujão

Concepção gráfica: Rita Gaspar

Imagem de capa e contracapa: *Santo Agostinho* (pormenores). Piero della Francesca (1454-1469). Museu Nacional de Arte Antiga © Luís Piorro. DGPC/Divisão de Documentação, Comunicação e Informática. *Reproduzidos outros pormenores do rosto e da capa nas páginas 4, 7, 8, 516 e 532.*

Fotografias: A. Grace Christie; Anísio M. Sousa Saraiva; Archivio di Stato di Bolzano; Arquivo da Sé de Braga; Arquivo da Universidade de Coimbra; Arquivo do Cabido da Sé de Évora; Arquivo do Museu de Grão Vasco; Biblioteca Nacional de Espanha; Biblioteca Nacional de Portugal; Bibliothèque Municipale d'Autun; Bibliothèque Municipale de Reims; Bibliothèque Nationale de France; Carlos Beloto; Caroline Vogt; Catedral de Burgo de Osma; Catedral de Burgos; Courtauld Institute of Art; Collection Gaignières Elne, cathédrale; Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas / Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Direcção-Geral do Património Cultural / Divisão de Conservação e Restauro; Direcção-Geral do Património Cultural / Divisão de Documentação, Comunicação e Informática; Eduardo Carrero Santamaría; Enric Hollas, OSB; FAUP/Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura; Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P.; Jean Michaud CIFM/CESCM; LABFOTO-Lamego; Maria Fernanda Barbosa; Maria Leonor Botelho; Mateo Mancini; Musée du Louvre; Museu Nacional de Machado de Castro; Rota das Catedrais; San Isidoro de León; Terceira Dimensão; Teresa Alarcão; The Metropolitan Museum of Art / The Cloisters Collection; Vincent Debiais.

Tradução e revisão dos textos em inglês: Sofia Leitão Söndergaard

ISBN: 978-972-8361-59-4

Edição:

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)

Faculdade de Teologia | Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima | 1649-023 Lisboa

secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt | www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt

Apoios:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Esta edição é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto «PEst-OE-HIS-UI0647»

O CLERO SECULAR MEDIEVAL E AS SUAS CATEDRAIS

NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

Coordenação

ANÍSIO MIGUEL DE SOUSA SARAIVA

MARIA DO ROSÁRIO BARBOSA MORUJÃO

UNIVERSIDADE
CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA RELIGIOSA

LISBOA 2014



Apresentação / Presentation

Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO 9

Introdução

Porquê as catedrais? | Anísio Miguel de Sousa SARAIVA 21

Espaços, Símbolos e Poderes

Liturgia e Espaço Religioso

Catedral y liturgia medievales: la definición funcional del espacio y sus usos | Eduardo CARRERO SANTAMARÍA 59

Espaço religioso e transformação: a fundação de capelas na época gótica | Lúcia Maria Cardoso ROSAS 101

Liturgia bracarense: origens, fontes, posteridade | Manuel Pedro FERREIRA 123

Les peignes liturgiques: des objets ecclésiastiques au service de la théologie du rituel | Eric PALAZZO 141

O Património Catedralício Edificado: Funções, Transformações e Restauros

A Sé do Porto e as intervenções da DGEMN (1929-1982) | Maria Leonor BOTELHO 155

Os *Monumentos Nacionais* e a Sé de Viseu: a construção de um desafio para o século XXI | Carlos Filipe ALVES 177

Símbolos e Representações do Poder

O selo: símbolo de representação e de poder no mundo das catedrais portuguesas | Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO e Anísio Miguel de Sousa SARAIVA 205

Collégialité et transcendance du corps épiscopal. La cathédrale et la mémoire épigraphique des évêques en France au XIII^e siècle | Vincent DEBIAIS 265

Heráldica eclesiástica: entre usos concretos e disposições normativas | Miguel Metelo de SEIXAS 297

Culturas

Cultura Material

O fim da linha: legados têxteis nos testamentos do clero catedralício português (1280-1325) | Joana Isabel SEQUEIRA 337

As vestes funerárias episcopais de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga (1348†) | Teresa ALARCÃO 369

O clero secular e a ourivesaria da Sé de Coimbra entre os séculos XIV-XVI | Pedro FERRÃO 387

Cultura Intelectual

La enseñanza en las catedrales hispanas | Susana GUIJARRO GONZÁLEZ 413

Vestígios da cultura na antecâmara da morte. O caso das livrarias de mão do clero medieval português nos testamentos catedralícios | Armando NORTE 439

Os arquivos capitulares. Formas de representação e preservação da memória documental: o caso de Évora no início de Trezentos | Hermínia Vasconcelos VILAR 501

Resumos / Abstracts 517

Biobibliografia dos Autores 533



Espaços, Símbolos e Poderes

Símbolos e Representações de Poder



Nesta página e na anterior: *Bispos Cromácio de Aquileia e Heliodoro de Altino*.
Letra C historiada (pormenores). *Bíblia de Somigny* (finais do séc. XII)
© Médiathèque Moulins Communauté (Auvergne), MS 1, fl. 288.

O selo: símbolo de representação e de poder no mundo das catedrais portuguesas

Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO

Anísio Miguel de Sousa SARAIVA

Principal forma de autenticação documental utilizada na Idade Média, o selo tem vindo a merecer cada vez mais atenção por parte dos medievalistas nas últimas décadas, fenómeno que pode, sem dúvida, associar-se ao crescente interesse suscitado pela Diplomática e, mais amplamente, pelo estudo da importância da escrita, da simbologia e da emblemática na cultura visual da sociedade medievla, em estreita ligação com os mais recentes campos de análise desenvolvidos pela História da Cultura, das Mentalidades e da Arte da Idade Média¹. Em Portugal, esse maior interesse pelo selo e pela metaforização das imagens sigilares tem também sido notado; mas o número de investigadores portugueses nesta área é, na melhor das hipóteses, proporcional à pequena dimensão do país. São, efectivamente, poucos os que têm estudado os selos entre nós; foram sempre poucos, aliás². E, no entanto, os nossos arquivos conservam

¹ Sobre o desenvolvimento e a renovação da sigilografia, do entendimento do selo enquanto forma jurídica de validação e garante do direito, mas também objecto antropológico e de criação artística essencial para uma história geral da arte e das suas ligações com as diferentes áreas do saber, leia-se a obra basilar de PASTOUREAU, Michel – *Les sceaux*. Turnhout: Brepols, 1981 e as sínteses mais actualizadas apresentadas por GIL, Marc e CHASSEL, Jean-Luc na introdução à obra *POURQUOI les sceaux? La sigillographie, nouvel enjeu de l'histoire de l'art*. Éd. Marc GIL, Jean-Luc CHASSEL. Lille: IRHIS/CEGES, 2011, p. 5-26; e por BAUDIN, Arnaud – *Emblématique et pouvoir en Champagne: les sceaux des comtes de Champagne et de leur entourage: fin XI^e-début XIV^e siècle*. Langres: Éd. Dominique Guéniot, 2012, p. 31-37.

² Uma síntese recente sobre os trabalhos realizados no domínio da sigilografia portuguesa encontra-se em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – Working with medieval manuscripts and records: paleography, diplomatics, codicology and sigillography. In *THE HISTORIOGRAPHY of medieval Portugal*

uma notável riqueza sigilográfica, à qual urge dar atenção, sob pena de ela se perder sem ter chegado sequer a ser estudada, na sequência do mau estado em que muitos dos selos se encontram e das condições adversas em que, infelizmente, continuam a ser conservados na maior parte dos nossos arquivos, bibliotecas e museus³.

O clero das catedrais conheceu desde cedo o selo como forma jurídica de validar os seus documentos. Já na Antiguidade Tardia os bispos usavam, seguindo os costumes de Roma, anéis sigilares com os quais autenticavam os diplomas que outorgavam⁴. É conhecido o exemplo excepcional da carta de Santo Avito de Viena ao seu irmão Apolinário, datada de 490, onde se descreve com todo o pormenor um anel episcopal belamente decorado, cujo centro, de esmeralda, tinha gravado um monograma acompanhado, em redor, pelo nome do prelado escrito por extenso⁵.

Esses selos serviam para fechar os documentos, ou então eram embutidos neles, à semelhança do que sucedia com os selos dos monarcas merovíngios e

(c. 1950-2010). Dir. José MATTOSO. Lisboa: IEM, 2012, p. 45-65. A bibliografia portuguesa desta área é mais exaustivamente apresentada em GOMES, Saul António – *Introdução à Sigilografia portuguesa: guia de estudo*. 2ª ed. Coimbra: FLUC, 2012. Este mesmo autor fornece uma visão sobre a evolução desta disciplina em Portugal ao longo dos tempos em: Percursos antigos e recentes da sigilografia em Portugal. In *COLEÇÃO esfragística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* [catálogo da exposição]. Coimbra: Reitoria da Universidade, 2003, p. 39-59.

³ Já TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia medieval portuguesa*. Lisboa: ICALP, 1983, p. 63-71 chama a atenção para este problema, que o correr do tempo mais agudiza. Um diagnóstico preliminar ao estado de conservação dos selos de um dos fundos mais importantes do ponto de vista sigilográfico conservado em Portugal, proveniente do cabido da Sé de Coimbra, foi apresentado por MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – The seals from the fund of the Coimbra See chapter at the Torre do Tombo National Archive. In *PRESERVING documents: science and restoration* [Seminário Internacional, Arquivo da Universidade de Coimbra, Junho de 2010 – comunicação inédita].

⁴ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – Apparition, diffusion et évolution typologique du sceau épiscopal au Moyen Âge. In *DIE DIPLOMATIK der Bischofsurkunde vor 1250*. Herausgegeben von Christoph HAIDACHER und Werner KÖFLER. Innsbruck: Tiroler Landesarchiv, 1995, p. 225 e RIESCO TERRERO, Ángel – El sello episcopal hasta el Renacimiento: valoración jurídico-diplomática y artística del mismo. In *XV CONGRESO Internacional de las Ciencias Genealógica y Heraldica*. T. 3. Madrid: Instituto Salazar y Castro, 1983, p. 367-370.

⁵ Exemplo mencionado por RIESCO TERRERO, Ángel – El sello episcopal..., p. 369-370, assim como por BAUTIER, Robert-Henri – Le cheminement du sceau et de la bulle des origines mésopotamiennes au XIII^e siècle occidental. In *CHARTES, sceaux et chancelleries: études de diplomatique et de sigilographie médiévales*. Vol. 1. Paris: École des Chartes, 1990, p. 123-166.

carolíngios⁶. O retrocesso desta forma de validação na Alta Idade Média, fruto do recuo da cultura escrita e do predomínio de outros processos de autenticação, como a apresentação de listas de testemunhas e confirmantes, levou a que o selo ficasse reservado ao uso real ou imperial, até que, por meados do século X, primeiro de forma esporádica, depois regular, os bispos da Renânia recomeçaram a utilizá-lo, difundindo-se a partir daí o seu uso pelas dioceses da Lotaríngia e da Germânia antes ainda do ano 1000, pelo norte francês durante o século XI e na restante França e na Inglaterra ao longo de Undecentos, de acordo com as conclusões a que chegou Robert-Henri Bautier⁷.

Este autor verifica, ao elencar as datas das notícias acerca dos mais antigos selos episcopais de Portugal e Castela, que neste extremo ocidental da Europa, em geral último ponto a receber as novidades aos mais diversos níveis, devido a esta sua posição excêntrica, a prática sigilográfica parece ter chegado mais cedo aqui do que ao reino vizinho⁸. Bautier menciona como primeiro exemplo conhecido do uso do selo pelos prelados castelhanos, o arcebispo de Toledo D. Juan de Segovia, em 1159; e refere diversas dioceses onde a prática de selar os documentos emanados da autoridade episcopal só foi efectivamente iniciada a partir das décadas de 1210, 1220 ou 1230⁹. Em Portugal, pelo contrário, temos notícias de selos episcopais desde a década de 40 do século XII. Bautier aventa como explicação para a primazia portuguesa uma influência mais directa de França¹⁰, hipótese que nos parece perfeitamente plausível, tendo em conta dois factores: por um lado, as raízes borgonhesas do conde D. Henrique, que no

⁶ Sobre as várias formas de aposição dos selos, veja-se, por exemplo, PASTOUREAU, Michel – *Les sceaux...*, p. 40-42.

⁷ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 225-230. Sobre a difusão do uso do selo em geral ao longo do século XII, vid. CHASSEL, Jean-Luc – *L’usage du sceau au XII^e siècle*. In *LE XII^e SIECLE: mutations et renouveau en France dans la première moitié du XII^e siècle*. Dir. Françoise GASPARRI. Paris: Le Léopard d’Or, 1994, p. 61-102.

⁸ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 230-231.

⁹ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 230.

¹⁰ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 231.

Condado Portucalense se rodeou de conterrâneos seus; por outro, as deslocações político-diplomáticas no estrangeiro dos primeiros prelados portugueses a validar desta forma os seus documentos.

Efectivamente, essas notícias mais antigas dizem respeito aos selos do bispo do Porto D. Pedro Rabaldes (1138-1145†), filho de um dos companheiros borgonheses do conde D. Henrique (selo referido em documento de Junho de 1144 de que só se conhece uma cópia)¹¹; ao famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar (1138-1175†), que viajou amiúde para além dos Pirenéus (selo mencionado e descrito em cópia trecentista de original perdido de 1145)¹²; e ao primeiro bispo de Lisboa, o cruzado inglês D. Gilberto de Hastings (1147-1163†) (selo que terá eventualmente existido em documento de Fevereiro de 1159, que subsiste mas apenas conserva os furos de suspensão)¹³. Todos três, pelos seus contactos com outros espaços onde as práticas sigilares já se tinham difundido por essa altura, podem muito bem ter sido influenciados por elas, assim se justificando o seu uso precoce e não continuado pelos seus sucessores¹⁴.

Para todas as outras dioceses portuguesas existentes à época, à excepção de

¹¹ A família de D. Pedro Rabaldes foi estudada por VENTURA, Leontina – O elemento franco na Coimbra do século XII: a família dos Rabaldes. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. 36/1 (2002-2003) 89-114; a sua actuação como bispo do Porto encontra-se sintetizada em SILVA, Maria João Oliveira e – *Scriptores et notatores: a produção documental da Sé do Porto (1113-1247)*. Porto: Fio da Palavra, 2008, p. 26-27. Sobre o seu selo, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – A sigilografia portuguesa em tempos de Afonso Henriques. *Medievalista* [Em linha]. 11 (2012). Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11\morujao1103.html>. [Consultado a 21.04.2013].

¹² Uma síntese da acção de D. João Peculiar é-nos apresentada por COSTA, Avelino de Jesus da – D. João Peculiar, co-fundador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, bispo do Porto e arcebispo de Braga. In *SANTA CRUZ de Coimbra do século XI ao século XX. Estudos*. Coimbra: [s.n.], 1984, p. 59-83. Acerca do seu selo, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – A sigilografia portuguesa...

¹³ Relativamente a D. Gilberto, vid. BRANCO, Maria João – Reis, bispos e cabidos: a diocese de Lisboa durante o primeiro século da sua restauração. *Lusitania Sacra*. 10 (1998) 57-64; sobre o seu hipotético selo, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – A sigilografia portuguesa... Informações sobre a introdução e difusão dos selos episcopais em Inglaterra encontram-se em CHENEY, C. R. – *English bishops' chanceries*. Manchester: University Press, 1950, p. 46-51; HARVEY, P. D. A.; MCGUINNESS, Andrew – *A guide to British medieval seals*. London: British Library / Public Record Office, 1996, p. 63-75; BAUTIER, Robert-Henri – Apparition, diffusion et évolution..., p. 229.

¹⁴ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – A sigilografia portuguesa...

Évora¹⁵, encontramos referências a selos durante a segunda metade do século XII, as quais não se relacionam já com bispos de origem estrangeira ou conhecidos por manterem contactos frequentes com outros espaços europeus. D. Miguel Salomão, em Coimbra (1162-1176), usou selo provavelmente logo no início do seu episcopado¹⁶; D. Mendo, primeiro bispo de Lamego (1147-1173), recorreu também à selagem, atestada em diploma de 1164¹⁷; e D. João Peres, prelado de Viseu (1179-1192†), fê-lo em documento datado criticamente de [1187-88]¹⁸. Nenhum destes selos chegou até nós: do de D. Miguel resta, quando muito, um fragmento muito mutilado e quase delido¹⁹; do de D. João de Viseu nada sabemos; e do de D. Mendo de Lamego temos a descrição oitocentista de João Pedro Ribeiro, que nos diz ser feito de cera e apresentar a imagem de um bispo com vestes pontificais lançando a benção, circundada pela legenda: *Sig. Menendi Lamecensis episcopi*²⁰.

¹⁵ Os selos apresentados por TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n.º 84 e 85 como sendo do bispo de Évora D. Soeiro (1166-1176/80†) pertencem, na verdade, ao seu homónimo que ocupou essa cátedra entre 1206 e 1229†, como já foi analisado em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A sigilografia portuguesa...*

¹⁶ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria: 1080-1318*. Lisboa: FCG/FCT, 2010, p. 107-112 (sobre o episcopado de D. Miguel Salomão) e 638 (onde o seu hipotético selo é estudado e reproduzido). Vid. também GOMES, Saul António – *In limine conscriptionis: documentos, chancelaria e cultura no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII a XIV*. Viseu: Palimage, 2007, p. 849 e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A sigilografia portuguesa...*, onde o selo em causa é igualmente publicado.

¹⁷ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A sigilografia portuguesa...* Sobre D. Mendo e o seu governo à frente da diocese de Lamego, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A organização da diocese de Lamego: da reconquista à restauração da dignidade episcopal*. In *Espaço, poder e memória: a catedral de Lamego, sécs. XII-XX*. Coord. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA. Lisboa: CEHR, 2013, p. 15-45. Disponível em <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/12795>. [Consultado a 30.09.2013].

¹⁸ A respeito deste selo, vid. CUNHA, Maria Cristina Almeida e; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Traditionalisme, régionalisme et innovation dans les chancelleries épiscopales portugaises au Moyen Âge*. In *RÉGIONALISME et internationalisme: problèmes de paléographie et de codicologie du Moyen Âge*. Éd. Otto KRESTEN, Franz LACKNER. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008, p. 308 e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A sigilografia portuguesa...*

¹⁹ Sobre as dúvidas que a identificação deste selo coloca, vid. a bibliografia citada *supra*, nota 16.

²⁰ RIBEIRO, João Pedro – *Observações históricas e críticas para servirem de memorias ao systema da Diplomática portuguesa oferecidas ao serenissimo Príncipe do Brazil*. Lisboa: Tip. Academia Real das Ciências, 1798, p. 143 (citado por COSTA, Avelino de Jesus – *Sigilografia*, p. 564).

Exactamente do mesmo tipo deste são os mais antigos exemplares sigilográficos de bispos portugueses conservados, ambos apenas a um diploma datado criticamente de [1187-88] e respeitante à Sé de Coimbra²¹. Ao lado do selo do rei D. Sancho I, surgem-nos os do bispo de Coimbra D. Martinho Gonçalves (1183-1191†) e do arcebispo de Braga D. Godinho Soares (1176-1188†)²² (Fig. 1).

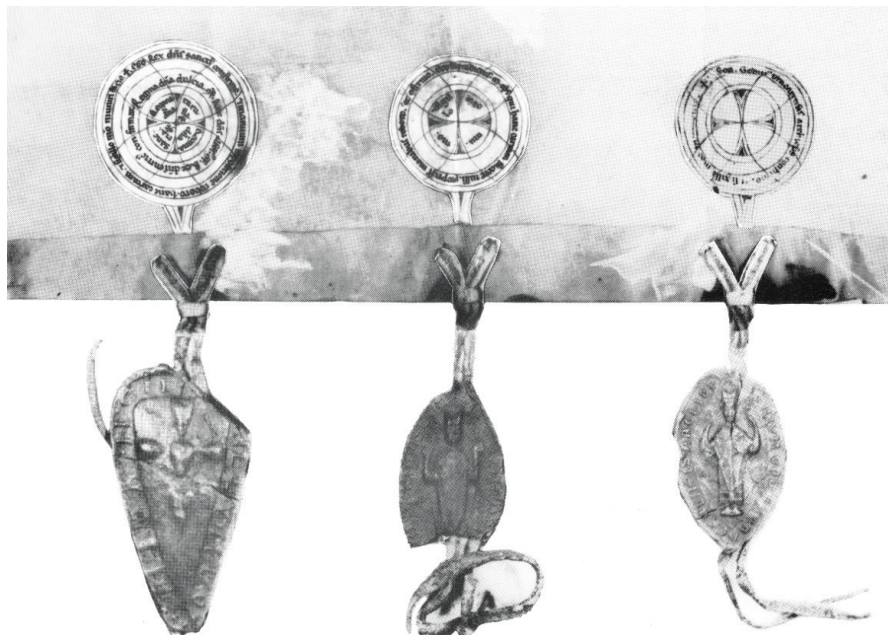


Fig. 1 – Selos de D. Sancho I, D. Martinho Gonçalves, bispo de Coimbra, e D. Godinho, arcebispo de Braga [1187, Setembro-1188, Julho], ANTT (Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 8, nº 39) © COSTA, Avelino de Jesus da – *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesas*. 5ª ed. Coimbra: FLUC, 1990, estampa 55.

Vemos, assim, que os primeiros selos dos bispos portugueses correspondiam às figurações mais usuais patentes nas matrizes episcopais da

²¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 8, nº 39 (reproduzido, com má qualidade, em COSTA, Avelino de Jesus da – *Álbum de paleografia e diplomática portuguesas: estampas*. 6ª ed. Coimbra: IPD-FLUC, 1997, doc. 55); sobre a sua data crítica, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 116, nota 197.

²² Ambos os selos foram publicados e estudados em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A sigilografia portuguesa...*; o de D. Martinho Gonçalves foi analisado com mais pormenor em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 639-640.

época²³; e que todos eles eram já selos pendentes, e não embutidos ou apostos directamente sobre o documento a partir de anéis sigilares. Aliás, se Ángel Riesco Terrero dá conta, no seu trabalho sobre sigilografia episcopal²⁴, do recurso na Península Ibérica a matrizes anelares durante este período, não conhecemos nenhum caso do género para o território português, onde o que se sabe sobre os bispos do tempo de domínio muçulmano é demasiado pouco, nem sequer se conhecendo com rigor os seus nomes ou as datas certas dos seus episcopados, na maior parte das vezes vividos fora das dioceses de que eram titulares²⁵. Os primeiros selos episcopais portugueses, como acabámos de ver, datam de meados do século XII, e são selos pendentes feitos de cera, o material por excelência para a sua execução e único ao alcance dos prelados, dado que o chumbo apenas foi utilizado, entre nós, nos selos régios, a partir do reinado de D. Afonso II²⁶.

A cera era então vista como sendo dotada de características simbólicas, e associada à ideia de segredo, memória e conservação²⁷. Como Michel Pastoureau evidenciou, era uma matéria que os homens medievais consideravam viva, por ser *produzida por um ser vivo*, e que mantinha uma *relação estreita com a memória, com o escrito* [pensemos nas tabuinhas enceradas] e, sobretudo, *com as práticas de figuração e*

²³ Vid. LA MARCHE, Lecoy de – *Les sceaux*. Paris: Maison Quantin, 1889, p. 254-259; COULON, Auguste – Éléments de sigillographie ecclésiastique française. *Revue d'histoire de l'Église de France*. 78/18 (1932) 30-59; BAUTIER, Robert-Henri – Apparition, diffusion et évolution..., p. 233-236.

²⁴ RIESCO TERRERO, Ángel – El sello episcopal..., p. 372.

²⁵ A este respeito, vid. CARRIEDO TEJEDO, Manuel – Los episcopologios portugueses en los siglos IX y X: a través de dos bispos de Oporto, Froarengo (890-918) y Hermogio (923-927), y su situación a comienzos del siglo XI. *Bracara Augusta*. 48/101-102 (1998-99) 311-401; JORGE, Ana Maria – Episcopologio. In *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira AZEVEDO. Vol. C-I. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000, p. 131-133; MARQUES, José – As dioceses portuguesas até 1150. *Biblos*. 78/3 (2002) 7-59.

²⁶ Vid. COSTA, Avelino de Jesus da – La chancellerie royale portugaise jusqu'au milieu du XIII^e siècle. In *ESTUDOS de cronologia, diplomática, paleografia e histórico-linguísticos*. Porto: SPEM, 1992, p. 147; SANTOS, Maria José Azevedo – A chancelaria de D. Afonso II (1211-1223): teorias e práticas. In *LER e compreender a escrita na Idade Média*. Lisboa: Colibri-FLUC, 2000, p. 26; GOMES, Saul António – *Introdução à sigilografia portuguesa...*, p. 90-91.

²⁷ SUCHAUX, Gaston Duchet; PASTOUREAU, Michel – *Le bestiaire médiéval: dictionnaire historique et bibliographique*. Paris: Le Léopard d'Or, 2002, p. 17.

representação²⁸. Viam-na, também, como *a mais pura das matérias de origem animal, por ser produzida por um animal que é, ele próprio, símbolo de pureza*²⁹. Era, enfim, um material com qualidades excepcionais para ser moldado e nele se imprimir com grande fidelidade uma matriz³⁰, portadora de uma imagem que é, sempre e necessariamente, um símbolo referencial da identidade de uma pessoa ou de um grupo; que o representa, permite identificar e pode mesmo substituir. O mesmo autor ilustra esta capacidade de identificação total entre o *sigillum* e o sigilante com o exemplo da França quatorcentista, onde, em certas entradas régias, a matriz do selo grande de alguns monarcas era colocada na sela de um cavalo branco, substituindo a pessoa do rei, como que encarnando ela própria a autoridade régia³¹.

Essa identificação entre selo e sigilante só pode, naturalmente, ser conseguida se a representação gravada no primeiro corresponder à imagem que a sociedade tem do segundo. Como nos diz Brigitte Bedos-Rezak, a *imago* sigilar é regida por um código de uma *extraordinária rigidez*³²; o que se representa não é um retrato, mas um modelo, um estereótipo, profundamente ligado ao estatuto, ao cargo, à função social ou à instituição a que se reporta³³.

²⁸ PASTOUREAU, Michel – Les sceaux et la fonction sociale des images. In *Symboles du Moyen Âge: animaux, végétaux, couleurs, objets*. Paris: Le Léopard d'Or, 2012, p. 376-377. Sobre a cera em Portugal, vid. PEREIRA, Maria Teresa Lopes – O mel e a cera em Portugal, na Idade Média. In *OLHARES sobre a História: estudos oferecidos a Iria Gonçalves*. Dir. Maria do Rosário Themudo BARATA e Luís KRUS. Lisboa: Caleidoscópio, 2009, p. 447-467.

²⁹ PASTOUREAU, Michel – Les sceaux et la fonction sociale..., p. 376-377.

³⁰ Vid. BECCHETTI, Luca – *I sigilli: orientamenti e metodologie di conservazione e restauro*. Padova: Il Prato, 2011, p. 21-26 e 36-37. Essas qualidades da cera que permitem ao selo nela impresso ser extremamente fiel à matriz que o originou deram lugar a múltiplas metáforas em torno dos selos, estudadas em várias obras de Brigitte BEDOS-REZAK, de que destacamos: *Le sceau et l'art de penser au XII^e siècle*. In *POURQUOI les sceaux?...*, p. 153-176.

³¹ PASTOUREAU, Michel – Les sceaux et la fonction sociale..., p. 372.

³² BEDOS-REZAK, Brigitte – Signes d'identité et principes d'altérité au XII^e siècle: l'individu, c'est l'autre. In *L'INDIVIDU au Moyen Âge*. Dir. Brigitte BEDOS-REZAK, Dominique IOGNA-PRAT. Paris: Aubier, 2005, p. 54.

³³ Citando de novo BEDOS-REZAK, Brigitte – *When Ego was Imago: signs of identity in the Middle Ages*. Leiden-Boston: Brill, 2011, p. 29: *For these social categories, the underlying convention dictated that seal owners be represented as categories and not as individuals. The seal's iconography thus fostered a symbology of power and articulated*

Este facto explica que os selos de reis, senhores, damas, bispos ou abades sejam, sempre, muito semelhantes entre si. Justifica, também, a permanência destes símbolos na longa duração e relaciona-se, sem dúvida, com o facto de o selo não se destinar apenas a ser identificado por quem lia o documento a que ele estava apenso, mas também por quem não sabia ler e reconhecia não a mensagem escrita, mas aquela que era transmitida pela imagem sigilar, também ela um poderoso veículo de criação artística, alicerçada em fórmulas iconográficas e estratégias emblemáticas precisas.

O caso de maior permanência da figuração de um selo é o da bula papal, que desde o pontificado de Pascoal II (1099-1118†) até aos nossos dias se mantém praticamente imutável, sendo portanto facilmente identificado como o selo do chefe da Igreja, e mostrando, em simultâneo, por esta via, a perenidade e a continuidade da instituição eclesial³⁴. O poder que advém daquele de que foram investidos os apóstolos Pedro e Paulo (o primeiro escolhido pelo próprio Cristo como chefe da Igreja, o segundo o que difundiu a palavra cristã pelo mundo romano) encontra-se representado no mais solene selo papal através das efigies dos dois santos³⁵.

Mas os selos régios ou dos membros da família real, dos nobres e dos eclesiásticos têm, igualmente, as suas fórmulas iconográficas próprias, repetidas

organizing principles of society, while the personal identification of its individual owner was totally dependent upon an inscription. Ver também, sobre esta temática, BEDOS-REZAK, Brigitte – Medieval identity: a sign and a concept. *American Historical Review*. 105/5 (2000) 1489-1533 e Une image ontologique: sceau et ressemblance en France précolastique (1000-1200). In *ÉTUDES d'histoire de l'art offertes à Jacques Thirion: des premiers temps chrétiens au XX^e siècle*. Éd. Alain ERLANDE-BRANDENBURG, Jean-Michel LENIAUD. Paris: École Nationale des Chartes, 2001, p. 39-50.

³⁴ Sobre a evolução da bula papal, vid. BECCHETTI, Luca – Elementi araldici nei sigilli plumbei pontifici. In *ATTI della Società Italiana di Studi Araldici: 23^o e 24^o Convinio*. [S.l.]: SISA, 2007, p. 357-380; e Appunti di sfragistica pontificia savonese. *Atti e Memorie*. 43 (2007) 69-88; FRENZ, Thomas – *I documenti pontifici nel Medioevo e nell'Età Moderna*. 2^a ed. italiana a cura di Sergio PAGANO. Città del Vaticano: Scuola Vaticana di Paleografia, Diplomatica e Archivistica, 1998, p. 48-51; ROMANELLI, Francesca Cavazzana – Il settimo sigillo: figure e simboli della sfragistica ecclesiastica. In *IL SIGILLO nella storia e nella cultura: mostra documentaria*. A cura di Stefania RICCI. Roma: Jouvence, 1985, p.149-198.

³⁵ Vejam-se exemplos de bulas papais nas obras indicadas na nota anterior.

ou atualizadas ao longo de gerações³⁶. Também eles são símbolos fáceis de reconhecer por quem os vê; transmitem estereótipos, uma ideia precisa da sociedade e da hierarquia nela presente, assim como das funções que cabia a cada um desempenhar e que eram por todos reconhecidas. O que significa, necessariamente, que neles está também contida uma concepção do poder de que a pessoa, grupo ou instituição que o possuía era detentora. Na maioria dos reinos medievais, o poder encontra a sua expressão nos selos de majestade, onde o rei ou o príncipe soberanos surgem, imponentes, sentados no trono, exibindo os atributos alegóricos da sua autoridade sobre os homens³⁷.

No mundo das catedrais, a simbologia e o poder estão também intrinsecamente unidos nas representações sigilares, como procuraremos ilustrar com exemplos de selos medievais portugueses ligados às nossas Sés, datados dos séculos XII a XV. É necessário, porém, antes de avançarmos, ter em conta que o levantamento destes selos está longe de se encontrar realizado. O pioneiro trabalho levado a cabo pelo Marquês de Abrantes³⁸ refere e descreve um grande número de espécimes sigilares provenientes deste universo eclesial português, que por vezes reproduz; mas não se trata de um inventário completo e contém

³⁶ NIEUS, Jean- François – L'hérédité des matrices de sceaux princiers au XII^e siècle: entre conscience lignagère et discours politique. In *POURQUOI les sceaux?...*, p. 217-239.

³⁷ Sobre este tipo de selos, que os reis portugueses nunca utilizaram, vejam-se as seguintes obras: BAUTIER, Robert-Henri – Échanges d'influences dans les chancelleries souveraines du Moyen Âge, d'après les types des sceaux de majesté. In *CHARTES: sceaux et chancelleries...* Vol. 1, p. 192-220; BEDOS-REZAK, Brigitte – Signes et insignes du pouvoir royal et seigneurial au Moyen Âge: le témoignage des sceaux. In *FORM and order in Medieval France: studies in social and quantitative sigillography*. Aldershot: Variorum reprints, 1993, p. 47-62; The king enthroned, a new theme in anglo-saxon royal iconography: the seal of Edward the Confessor and its political implications. In *FORM and order...*, p. 53-90; Idéologie royale, ambitions princières et rivalités politiques d'après le témoignage des sceaux: France, 1380-1461. In *FORM and order...*, p. 483-511; CHERRY, John – Heads, arms and badges: royal representations on seals. In *GOOD impressions: image and authority in medieval seals*. Ed. Noël ADAMS, John CHERRY, James ROBINSON. London: British Museum, 2008, p. 12-16; DALAS, Martine – *Corpus des sceaux français du Moyen Âge*. T. 2: *Les sceaux des rois et de régence*. Paris: Archives Nationales, 1991; HARVEY, P. D. A.; MCGUINNESS, Andrew – *A guide to British medieval seals...*, p. 27-42; RUIZ, Teófilo F. – L'image du pouvoir à travers les sceaux de la monarchie castillane. In *GÉNESIS medieval del Estado moderno: Castilla y Navarra: 1250-1370*. Valladolid: Ambito Ed., 1987, p. 217-227; SERRANO COLL, Marta – *La imagen figurativa del rey en la Edad Media: estudio*. Tarragona: Universidad Rovira i Virgili, 2005, p. 105-246 (tese de doutoramento policopiada).

³⁸ TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*

múltiplos erros. A pesquisa documental levada a cabo no âmbito do projecto dos *Fasti Ecclesiae Portugaliae*³⁹ previu, desde o início, o tratamento das referências documentais que incluem a presença de selos; esses dados, infelizmente, ainda não puderam ser sistematizados. Baseia-se, assim, este nosso ensaio nas informações colhidas na obra datada de Luís Gonzaga de Lancastre e Távora e em diversos estudos que dão atenção à temática da sigilografia das nossas catedrais⁴⁰; no levantamento que um de nós realizou no âmbito dos seus trabalhos relativos à Sé de Coimbra⁴¹; e ainda nos resultados das pesquisas exploratórias por ambos levadas a cabo em diversos arquivos portugueses e estrangeiros, com vista à preparação do projecto “SIGILLVM – *Corpus* dos Selos Portugueses”, cuja primeira fase, financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do programa de apoio à recuperação, tratamento e organização de acervos documentais, se dedica à inventariação, catalogação e digitalização dos selos do clero secular medieval português⁴².

³⁹ Sobre este projecto, vid. JORGE, Ana Maria – *Fasti Ecclesiae Portugaliae: prosopografia do clero catedralício português (1071-1325)*. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 665-666.

⁴⁰ Para o caso português, contamos essencialmente com MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *Frontières documentaires: les chartes des chancelleries épiscopales portugaises avant et après le XIII^e siècle: Coimbra et Lamego*. In *FRONTIERS in the Middle Ages*. Ed. Outi MERISALO. Louvain-la-Neuve: Brepols, 2006, p. 441-466; CUNHA, Maria Cristina Almeida; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Traditionalisme, régionalisme et innovation...*; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 609-669, *A sigilografia portuguesa... e Bispos em tempos de guerra: os prelados de Coimbra na segunda metade do século XIV*. In *A GUERRA e a sociedade na Idade Média*. Vol. 1. [Torres Novas]: SPEM, 2009, p. 539-550; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesíastica medieval portuguesa no Arquivo Histórico Nacional de Espanha*. In *ESTUDOS de heráldica medieval*. Dir. Miguel Metelo de SEIXAS e Maria de Lurdes ROSA. Lisboa: IEM, 2012, p. 93-122; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais: XIII^e-XV^e siècles*. In *HÉRALDIQUE et Numismatique, Moyen Âge - Temps Modernes II*. Dir. Yvan LOSKOUTOFF. Le Havre: Presses des Universités de Rouen et du Havre, 2014, p. 165-193; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV: 1296-1349*. Leiria: Ed. Magno, 2003; SILVA, Maria João Oliveira e – *Scriptores et notatores...*, p. 125-127 e *A escrita na catedral: a chancelaria episcopal do Porto na Idade Média: estudo diplomático e paleográfico*. Porto: FLUP, 2010, p. 155-172 (tese de doutoramento policopiada); GOMES, Saul António – *Introdução à sigilografia...*

⁴¹ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 609-669; *Bispos em tempos de guerra...*

⁴² Sobre este projecto em curso, a levar a cabo durante o ano 2014-2015, veja-se a sua página web: <http://portugal-sigillvm.net>.

1. Selos Episcopais

Comecemos pelos selos episcopais. Falámos já na mais frequente imagética que apresentam, e que predomina desde a sua difusão a partir dos séculos XI-XII⁴³: é aquela que o diplomata João Pedro Ribeiro descreve em relação ao desaparecido selo de D. Mendo de Lamego⁴⁴, ou seja, a imagem de um prelado com vestes pontificais lançando a bênção, circundada por uma legenda que indica ser o selo de X, bispo de Y. A representação do bispo investido das insígnias simbolizadoras do seu poder é, aliás, a mais habitual, não ocorrendo apenas nas matrizes sigilográficas, mas também na escultura e na pintura. O bispo enverga os paramentos próprios da sua condição pontifical, ostenta na cabeça a mitra e na mão esquerda o báculo. São estes dois dos principais atributos do poder episcopal, a mitra servindo como distintivo daquele que detém o grau mais elevado das ordens sacras, e o báculo simbolizando o cajado de pastor que apascenta e guarda as suas ovelhas e, ao mesmo tempo, a vara da justiça de que ele é garante, ao julgar as causas do foro eclesiástico⁴⁵. Por as imagens sigilares terem dimensões muito reduzidas, e dada a posição erguida da mão direita, em gesto de abençoar, não é possível ver o anel que nela traria, e que constitui o terceiro grande símbolo próprio do poder episcopal, representativo do seu compromisso para com a Igreja, bem visível, por exemplo, em muitos jacentes funerários de prelados⁴⁶.

⁴³ Sobre a evolução da figuração dos selos episcopais, vid. BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 233-235 e 237-238; BEDOS-REZAK, Brigitte – *The bishop makes an impression: seals, authority and episcopal identity*. In *THE BISHOP: power and piety at the first millennium*. Ed. F. Sean GILSDOR. Münster: LIT Verlag, 2004, p. 137-154; COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 44-53; HARVEY, P. D. A.; MCGUINNESS, Andrew – *A guide to British medieval seals...*, p. 63-76; LA MARCHE, Lecoy de – *Les sceaux...*, p. 254-259.

⁴⁴ Vid. *supra*, nota 20.

⁴⁵ Relativamente aos símbolos do poder episcopal, veja-se o clássico estudo de GAUDEMET, Jean – *Le gouvernement de l'Église à l'époque classique*. II^e partie: *Le gouvernement local*. Paris: Cujas, 1979, p. 119-121.

⁴⁶ Para não referir mais do que dois exemplos portugueses em que o anel é bem visível na representação escultórica, vejamos os jacentes de D. Estêvão Eanes Brochardo, bispo de Coimbra de 1303 a 1318, na Sé Velha dessa cidade, e de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga de 1326 a 1348, situado na Capela da

Num primeiro tempo, os selos episcopais tenderam a ser circulares e a apresentar o bispo sentado na sua cátedra. A difusão do formato sigilar em dupla ogiva, porém, cedo se impôs, correspondendo à incorporação das formas quebradas e longilíneas típicas da arquitectura gótica, e oferecendo um campo verticalizado que podia ser preenchido com a representação em pé do sigilante⁴⁷. A figuração do bispo *stante* e o formato da dupla ogiva serão os mais comuns a partir do século XII, e são eles os que nos surgem nos exemplares sigilográficos do Portugal medieval. Efectivamente, nesse *corpus* ainda incompleto que usamos como base, os exemplos, para os séculos XII a XIV, de selos episcopais com diferente formato ou com outro tipo de figuração são muito raros.

No estudo dedicado aos selos da Sé de Coimbra, Maria do Rosário Morujão pensou ver no selo de D. Tibúrcio (1234-1246†) uma imagem do bispo sentado⁴⁸; o melhor exemplar que chegou até nós está, porém, em tão mau estado, que seria tão fácil sustentar esta afirmação como a contrária. Depois de muitas comparações com outros selos em que os bispos se representam sentados, parece-nos agora possível que o que foi interpretado como os braços de um cadeiral ou a posição flectida dos joelhos não seja mais do que as mangas curtas da dalmática envergada pelo prelado. Apresentando o bispo sentado só conhecemos, por ora, com toda a certeza, o selo de D. Vasco Martins de Alvelos enquanto bispo da Guarda (1302-1313†), exemplo algo tardio deste tipo de figuração e que difere da que o mesmo eclesiástico usara na década de 90 do

Glória da Sé de Braga. Acerca do simbolismo do anel episcopal, vid. GAUDEMET, Jean – Le symbolisme du mariage entre l'évêque et son église et ses conséquences juridiques. In *DROIT de l'Église et vie sociale au Moyen Âge*. Northampton: Variorum reprints, 1989 e PALAZZO, Eric – *L'évêque et son image: l'illustration du Pontifical au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 1999, p. 25-26.

⁴⁷ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – Apparition, diffusion et évolution..., p. 232-233.

⁴⁸ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 14, nº 12, de 2 de Abril de 1246, reproduzido e estudado por MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 644-645; sobre este prelado da diocese conimbricense, vejam-se, na mesma obra, as p. 124-129.

século XIII, quando se encontrava à frente da cátedra de Lamego, em que se fez representar de pé⁴⁹.



Fig. 2 – Selo de D. Martinho Gonçalves, bispo de Coimbra (1187-1188)
© Documento cedido pelo ANTT (Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 8, nº 39).

Os selos analisados permitem observar a evolução da iconografia episcopal neles utilizada ao longo da cronologia em estudo. Nos mais antigos, vê-se ainda a mitra bicórnica, patente nos selos undecentistas já referidos de D. Godinho Soares de Braga e D. Martinho Gonçalves de Coimbra (Fig. 2), mas também no de D. Soeiro Eanes de Lisboa (1185-1209/10†), do início de Duzentos, mais especificamente de 1206⁵⁰. Passados cinco anos, em 1211,

⁴⁹ Sobre este bispo e o seu percurso, vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 34-45. O seu selo como bispo da Guarda tem a cota ANTT, Ordem de Santiago, D.P., M. 1, nº 14, sem data, pelo que indicamos como data crítica o tempo que durou o episcopado deste bispo, de 1302 até à sua morte, ocorrida em 1313. O selo de D. Vasco enquanto bispo de Lamego que apresentamos (na Fig. 7) encontra-se em ANTT, Most. Arouca, Gav. 6, M. 4, nº 36, de 9 de Junho de 1297; um outro exemplar, datado de Outubro do mesmo ano, é reproduzido por SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 385, gravura 1.

⁵⁰ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 9, nº 21, de Abril de 1206. Sobre D. Soeiro como bispo de Lisboa, vid. BRANCO, Maria João – *Reis, bispos e cabidos...* 67-70.

D. Paio de Lamego (1211-1246)⁵¹ faz-se representar no seu selo com a mitra colocada com as pontas de frente, replicando a mudança na forma de a envergar daí em diante generalizada⁵².

No que diz respeito ao báculo, o seu formato variou também ao longo dos tempos. Nos selos mais antigos, encontramos báculos muito simples, com uma crossa que se destaca do resto do báculo a partir de um nó, e que termina numa voluta simples, sem ornamentos (Fig. 3). Assim vemos no exemplar undecentista de D. Godinho de Braga ou nos de D. Soeiro de Lisboa e D. Paio de Lamego, dos inícios de Duzentos, já referidos. Em contraponto, e avançando para o final do século XIII, a crossa gravada no selo do bispo de Coimbra D. Aimerico d'Ébrard (1279-1295†)⁵³ apresenta uma forma diferente, parecendo que entre as volutas existem elementos decorativos, à semelhança do que sucede em muitos báculos dos séculos XIII e XIV provenientes de Limoges, ou influenciados pelas obras da ourivesaria limosina⁵⁴. Outros selos, posteriores, mostram o processo de sofisticação que o báculo gótico continuou a sofrer, com crossas

⁵¹ ANTT, Most. Lorrvão, ACE, M. 10, nº 21, de Julho de 1211. Acerca deste bispo, vid. COSTA, Manuel Gonçalves da – *História do bispado e cidade de Lamego*. Vol. 1: *Idade Média: a mitra e o município*. Lamego: [s.n.], 1977, p. 140-141; e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 34.

⁵² Esta evolução da forma da mitra é mostrada por BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 235, que dá exemplos de uma mudança mais precoce em algumas dioceses francesas (nos anos 40 a 60 do século XII), mas também da sua persistência até à década de 20 do século XIII em outros espaços. Esta manutenção das mitras bicórnicas até datas mais tardias é também referida por COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 46-47.

⁵³ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 64, nº 2630, de 20 de Abril de 1290. Sobre este bispo de origem francesa, cuja importância no desenvolvimento dos selos episcopais portugueses será referida mais adiante, veja-se MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 140-154 e *La famille d'Ébrard et le clergé de Coimbra aux XIII^e et XIV^e siècles*. In *A IGREJA e o clero português no contexto europeu*. Lisboa: CEHR, 2005, p. 77-91; o seu selo é estudado na primeira obra citada, nas p. 649-653, e reproduzido na p. 651.

⁵⁴ Compare-se, por exemplo, com as crossas de alguns báculos deste tipo existentes em Portugal, conservados no Museu Nacional de Arte Antiga (nº inventário 39821, datado dos séculos XIII-XIV; fotografia disponível em <http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPEQ=2&NUMPAG=1®PAG=50&CRITERIO=b%C3%A1culo&IDFOTO=82332> [consultado a 27.04.2013]) ou no Museu Nacional de Machado de Castro (nº inventário 04061.01, datado do século XIV; fotografia disponível em <http://www.matrizpix.imc-ip.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPEQ=2&NUMPAG=1®PAG=50&CRITERIO=b%C3%A1culo&IDFOTO=17676> [consultado a 27.04.2013]).



Fig. 3 – *Crossas de báculos*: selos de D. Godinho de Braga [1187-88], D. Soeiro de Lisboa (1206), D. Paio de Lamego (1211), D. Aimerico de Coimbra (1290), D. Bartolomeu da Guarda (1330), D. João Homem I de Viseu (1334), D. Jorge Eanes (1353) e D. Vasco Rodrigues de Coimbra (1367) © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 8, nº 39; M. 9, nº 21; Most. Lorvão, ACE, M. 10, nº 21; Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 68, nº 2507; M. 53, nº 2083; M. 43, nº 1751; M. 57, nº 2130; Most. Lorvão, Gav. 3, M. 11, nº 27).

cada vez mais elaboradas tanto no interior das volutas como no seu exterior⁵⁵, como se vê nos casos de D. Bartolomeu da Guarda (1326-1345†)⁵⁶, de D. João Homem I de Viseu (1333-1349†)⁵⁷, de D. Jorge Eanes de Coimbra (1338-1356†)⁵⁸ e de D. Vasco Rodrigues desta mesma diocese (1364-1371)⁵⁹.

A evolução do uso das vestes episcopais também se evidencia através da iconografia dos selos⁶⁰; aliás, a sigilografia em geral (e não apenas a eclesiástica) permite a realização de estudos de grande interesse e novidade sobre o vestuário, como demonstra a obra de Germain Demay, *Le costume au Moyen Âge d'après les sceaux*, publicada há mais de um século e que permanece ainda como principal referência nesta matéria⁶¹. Não nos alongaremos sobre este tema, chamando apenas a atenção para alguns selos em particular bom estado que permitem observar os paramentos dos bispos portugueses da Idade Média (Fig. 4): a primeira matriz de D. Aires Vasques de Lisboa (1241-1258†)⁶²; a segunda matriz

⁵⁵ Acerca da evolução das crossas dos báculos nos selos, vid. COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 47-48.

⁵⁶ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 53, nº 2083, de 30 de Março de 1330.

⁵⁷ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 43, nº 1751, de 29 de Fevereiro de 1334; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique...*

⁵⁸ Neste caso, patente quer na primeira matriz usada por este prelado, ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 58, nº 2164, de 6 de Setembro de 1344, quer na segunda, de que se pode ver um exemplar em bom estado de conservação em ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 57, nº 2130, de 21 de Dezembro de 1353; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique...* Sobre a carreira deste bispo, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Bispos em tempos de guerra...*, p. 540-542.

⁵⁹ ANTT, Most. Lorvão, Gav. 3, M. 11, nº 27, de 28 de Maio de 1367; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, FERNANDES, Carla Varela, MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Mémoire au-delà de la mort: les évêques portugais et leurs monuments tumulaires au Moyen Âge*. In *IDENTITÉ et mémoire: l'évêque, l'image et la mort: de l'époque paléochrétienne jusqu'à la fin du Moyen Âge*. Dir. Nicolas BOCK [et al.] Roma: Viella, 2014 (no prelo). Sobre a carreira deste bispo, que durante séculos esteve mal identificado pela nossa historiografia, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Bispos em tempos de guerra...*, p. 543-544.

⁶⁰ Vid COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 48-49. Veja-se também a aplicação didáctica que apresenta as vestes episcopais a partir de um selo, na página da internet dos Archives Départementales de l'Aube, em França: <http://www.archives-aube.fr/jeux/sceaux/index.php> [consultado a 27.04.2013].

⁶¹ DEMAY, Germain – *Le costume au Moyen Âge d'après les sceaux*. Paris: D. Demoulin, 1880.

⁶² ANTT, Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 3, nº 6, de 25 de Março de 1245.

usada como bispo consagrado por D. Egas Fafes de Coimbra (1247-1267)⁶³; o selo, de excepcional qualidade de execução, do arcebispo D. Martinho Pires de Oliveira (1295-1313†), do primeiro ano em que ocupou a cátedra bracarense⁶⁴; e o selo de D. Estêvão Eanes Brochardo de Coimbra (1303-1318†), dos inícios de Trezentos⁶⁵. Nos dois primeiros, vê-se um amito de tecido mole, criando como que uma gola que, nos dois outros selos, já se apresenta alterada, com uma forma claramente rígida, sendo ainda ornamentado como um verdadeiro colarinho largo. A alva é visível nos punhos de todos, a não ser nos de D. Aires Vasques, notando-se o seu pregueado junto aos pés dos prelados, excepto também no caso deste bispo de Lisboa. As mangas da dalmática estão especialmente em evidência no selo de D. Martinho, mostrando ser de tecido decorado. Por cima, todos envergam a casula; a de D. Egas apresenta no centro uma larga tira, o sebasto, que nos selos de D. Aires e de D. Martinho é acrescentado de uma outra parte, contornando os ombros. Refira-se, ainda, o manípulo que D. Estêvão tem sobre o braço esquerdo, que parece franjado. Servem estes exemplos para mostrar um pouco do muito que se pode saber relativamente à paramentaria medieval a partir do estudo atento destes selos.

A partir de meados do século XIII, as representações sigilográficas

⁶³ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 15, nº 18, de 12 de Novembro de 1254; selo estudado e reproduzido em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 648-649; nessa mesma obra, nas p. 130-138, encontram-se os dados biográficos deste prelado e uma síntese acerca da sua actuação.

⁶⁴ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 86, nº 3999, de 4 de Agosto de 1295. Este selo foi já reproduzido e estudado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 97-98. Acerca deste arcebispo, vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *Nepotism, illegitimacy and papal protection in the construction of a career: Rodrigo Pires de Oliveira, bishop of Lamego: 1311-1330†. E-Journal of Portuguese History.* [Em linha]. 6-1 (2008), nota 21 [Consultado a 7.05.2013]. Disponível em http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/Summer08.html

⁶⁵ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 12, nº 576, de 25 de Junho de 1304; selo estudado e reproduzido em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 656-657; nesta mesma obra, encontram-se nas p. 170-181 os principais dados sobre este bispo de Coimbra que foi, igualmente, chanceler do rei D. Dinis.



Fig. 4 – Selos de D. Aires Vasques de Lisboa (1ª matriz, 1245), D. Egas Fafes de Coimbra (2ª matriz, 1254), D. Martinho Pires de Oliveira de Braga (1295) e D. Estêvão Eanes de Coimbra (1304)
 © Documentos cedidos pelo ANTT (Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 3, nº 6; Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 15, nº 18; 2ª inc., M. 86, nº 3999 e M. 12, nº 576).

episcopais conhecem uma nova fase⁶⁶. Essa nova figuração incorpora como modelo a ideia do nicho central, uma das últimas inovações do gótico, reveladora de uma clara integração do vocabulário arquitectural contemporâneo na estruturação da imagem sigilar, que nos aparece agora dividida em dois ou mais planos, enquadrados, as mais das vezes, entre pináculos, arcos e outros elementos típicos do estilo gótico, numa verdadeira microarquitectura mais ou menos realista de elementos que, no seu conjunto, compõem uma narrativa⁶⁷. Em múltiplos casos, a secção ou secções superiores apresentam imagens de carácter hagiográfico-devocional, sendo a figuração do bispo remetida para o plano inferior, e inserida também num nicho. Noutros casos, a representação do prelado, em pé e, tal como até então, com as vestes pontificais e as insígnias do seu poder, continua a ocupar a posição central, mas integra-se num nicho de maiores dimensões, sendo por vezes ladeada ou encimada por figuras de santos e símbolos vários intencionalmente escolhidos pelo sigilante como elementos iconográficos identificadores da sua pessoa, do seu estatuto social e do seu perfil devocional⁶⁸.

Este novo modelo de selo hagiográfico entra em Portugal, de acordo com o que os dados de que dispomos, através de um prelado francês, D. Aimerico d'Ébrard, que governou o bispado de Coimbra de 1279 a 1295⁶⁹. Originário de Cahors, que tantos clérigos deu à hierarquia da Igreja, fruto da sua ligação ao papado de Avinhão e, em especial, a Jacques Duèze, também de Cahors e pontífice com o nome de João XXII. Na verdade, tudo indica ter sido

⁶⁶ BAUTIER, Robert-Henri – Apparition, diffusion et évolution..., p. 237-238; COULON, Auguste – Éléments de sigillographie ecclésiastique..., 50-53.

⁶⁷ GIL, Marc – L'enlumineur Jean Pucelle et les graveurs de sceaux parisiens: l'exemple du sceau de Jeanne de France, reine de Navarre: 1329-1349. In *POURQUOI les sceaux?...*, p. 421-435.

⁶⁸ BECCHETTI, Luca – *Sigilli ecclesiastici dalla Collezione Corsisieri Italiana*. Roma: ARACNE, 2012, p. 29-33; GARDNER, Julian – The architecture of cardinal's seals: c. 1244-1304. In *POURQUOI les sceaux?...*, p. 437-450.

⁶⁹ A seu respeito, vid. bibliografia indicada na nota 53.

D. Aimerico o introdutor entre nós deste novo modelo sigilográfico, dado que não encontramos, até agora, nenhum selo desta tipologia anterior ao seu, do qual conhecemos uma primeira referência de Dezembro de 1281⁷⁰, datando o mais antigo exemplar conservado, porém, apenas de Janeiro de 1283⁷¹. O campo apresenta no plano central uma cena pormenorizada da Adoração dos Reis Magos, encimado por torres e pináculos, e, por baixo, sob um arco gótico lobado, o prelado, com a mitra e o báculo, ajoelhado em atitude de veneração (Fig. 5)⁷².



Fig. 5 – Selo de D. Aimerico d'Ébrard, bispo de Coimbra (1290) © Documento cedido pelo ANTT (Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 64, nº 2360).

⁷⁰ ANTT, Most. Lorrvão, Gav. 3, M. 7, nº 2, de 3 de Dezembro de 1281.

⁷¹ ANTT, Colegiada de S. Cristóvão de Coimbra, M. 1, nº 13, de 16 de Janeiro de 1283.

⁷² ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 64, nº 2360 e M. 68, nº 2507, de 20 e 23 de Abril de 1290. O tema da Adoração dos Magos é pouco comum nas representações sigilográficas, como nos indica BASCAPÉ, Giacomo C. – *Sigillografia: il sigillo nella diplomazia, nel diritto, nella storia, nell'arte*. Vol. 1. Milano: Giuffrè, 1969, p. 65; e mais recentemente NEW, Elisabeth A. – Biblical imagery on seals in medieval England and Wales. In *POURQUOI les sceaux?...*, p. 455.

As matrizes sigilares episcopais portuguesas que surgem logo a seguir com este tipo de composição iconográfica correspondem ao selo de D. Egas Viegas, bispo de Viseu (1288-1313†) – de que se conhece até agora um único exemplar completo, destacado do documento original de 1291, e que nos permite identificar uma singular representação de Maria com o Menino, no centro, entre duas árvores, alegoria do ciclo da vida bem como da verticalidade, reforçando neste contexto o papel mediador da Virgem entre a terra e o céu, ladeados ainda por dois santos da devoção do prelado, cuja imagem, ajoelhada, surge num plano inferior⁷³; ao de D. Fernando Martins, bispo de Évora (1297-1310/11†), de 1297, que exhibe a todo o espaço do campo uma estrutura retabular gótica dividida em dois planos, onde se apresenta, no plano principal, a primeira figuração do Calvário que se conhece na sigilografia episcopal medieval portuguesa, seguida, em baixo, pela figura do bispo ajoelhado em oração⁷⁴; ao de D. Fernando, bispo de Coimbra (1302-1303†), de 1303, que apresenta no plano superior a coroação da Virgem; no meio, S. Pedro e S. Paulo; em baixo, o bispo orante⁷⁵; ao de

⁷³ Arquivo Distrital de Viseu (ADVIS), Pergaminhos, M. 50, n.º 4, de 23 de Dezembro de 1291. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n.º 510 apresenta, sem no entanto o reproduzir, outro exemplar do selo deste prelado, de 1295, que diz pertencer a uma colecção particular. Sabemos tratar-se de um exemplar com contra-selo, datado de 1295, existente no arquivo documental da Casa dos Morgados de S. João da Madeira, que pelo menos ainda aí existia em 1938, quando dele deu notícia CAMPO BELO, Conde de – *Dois selos medievais*. Porto: [s.n.], 1938. Sobre o significado alegórico da árvore no mundo medieval, vid. DROBINSKY, Julia – *L'amour dans l'arbre et l'Amour au coeur ouvert: deux allégories sous influence visuelle dans les manuscrits de Guillaume de Machaut*. In *L'ALLÉGORIE dans l'art du Moyen Âge: formes et fonctions. Héritages, créations, mutations*. Éd. Christian HECK. Turnhout: Brepols, 2011, p. 276-277; CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 1997, p. 89-92. Quanto à figura de D. Egas Viegas, bispo de Viseu, vid. VILAR, Hermínia Vasconcelos – In defence of episcopal power: the case of bishop Egas of Viseu. In *CARREIRAS eclesiásticas no Ocidente cristão (séc. XII-XIV)*. Lisboa: CEHR-UCP, 2007, p. 221-241; e SOUZA, José António – Dom Dinis, Dom Egas de Viseu e a *Suma* sobre a liberdade eclesiástica. *Itinerarium*. 58 (2012) 373-425.

⁷⁴ Archivo Historico Nacional, Madrid (AHN), Sigil-Sellos, C. 77, n.º 5, de 1297; estudado e publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 98-101, onde também se reúnem os dados mais recentes sobre o percurso deste prelado eborense, p. 95, nota 7.

⁷⁵ ANTI, Sé de Coimbra, 2.ª inc., M. 63, n.º 2305, de 3 de Agosto de 1303; selo estudado e reproduzido por MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 654-656, que, nas p. 166-169, apresenta os poucos dados biográficos que se conhecem a respeito deste prelado.



Fig. 6 – Selos de D. Egas Viegas, bispo de Viseu (1291), D. Fernando, bispo de Coimbra (1303), D. Geraldo Domingues, bispo do Porto (1305), e D. João de Soalhães, bispo de Lisboa (1306) © Documentos cedidos pelo ADVIS (Pergaminhos, M. 50, nº 4), ANTT (Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 63, nº 2305) e AUC (Pergaminhos, Gav. 23, nº 4); TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancaster e – O estudo da sigilografia..., nº 323.

D. Geraldo Domingues, bispo do Porto (1305), com a Virgem com o Menino enquadrada num nicho gótico a ocupar praticamente todo o campo, secundada, no plano inferior, pela figura do bispo em oração⁷⁶; e ao de D. João Martins de Soalhães, bispo de Lisboa (1306), com a representação do *Agnus Dei* no plano superior, no do meio a Virgem com o Menino e, no plano inferior, o bispo em oração⁷⁷ (Fig. 6).

Ao mesmo tempo, porém, continuam a ser utilizados selos com a figuração tradicional, como é o caso do bispo de Coimbra D. Estêvão Eanes Brochardo (1303-1318†), que já referimos. No entanto, neste selo encontra-se uma importante e singular inovação: um escudo de armas é apresentado à direita do prelado⁷⁸ (Fig. 4). Os elementos heráldicos, em outros países, já se encontravam nos selos episcopais desde o século XIII; em Portugal, pelo que os dados disponíveis nos permitem concluir, só surge no início do século XIV, passando, no decurso desta centúria, a constituir um sinal identitário que se associa com muita frequência aos selos episcopais, até vir a ocupar toda a composição iconográfica do campo já durante o século XV⁷⁹.

⁷⁶ Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), Pergaminhos, Gav. 23, nº 2, de 27 de Junho de 1304 e nº 4, de 1 de Dezembro de 1305, respectivamente; ambos descritos e reproduzidos por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 161-162. Sobre o percurso de D. Geraldo Domingues, vid. VILAR, Hermínia Vasconcelos; BRANCO, Marta Castelo – *Servir, gouverner et légier: l'évêque Geraldo Domingues (1285-1321)*. In *A IGREJA e o clero português...*, p. 95-116.

⁷⁷ ANTT, Gaveta 1, M. 5, nº 12 de 7 de Outubro de 1306; elencado por TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 323 com a cota errada. Desta matriz conhecemos mais três exemplares, todos com contra-selo, sendo o que nos chegou em melhor estado, datado de 25 de Junho de 1304, pertence a um arquivo particular e foi publicado por CAMPO BELO, Conde de – *Dois selos medievais...*

⁷⁸ Neste caso particular, o escudo de armas que acompanha o bispo não é o da sua família, mas sim, segundo tudo indica, o da diocese de Coimbra, conforme já foi aventado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* e, especialmente, em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 114 e nota 69.

⁷⁹ Note-se que os primeiros elementos heráldicos surgem desde meados do século XIII nos selos de outros clérigos das catedrais portuguesas; nos selos episcopais, porém, o primeiro caso que conhecemos até ao momento é precisamente este de D. Estêvão Eanes Brochardo, de acordo com as conclusões a que chegaram SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...*



Fig. 7 – Selos dos bispos de Lamego D. João Fernandes (1290), e D. Vasco Martins de Abellos (1297)
 © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Lamego, Autos cíveis, M. 1, nº 5; e Most. Arouca, Gav. 2, M. 2, nº 4).

Noutros casos, um pouco anteriores, aliás, em lugar dos motivos heráldicos surgem elementos de cariz devocional, que decoram as partes não preenchidas do selo. Assim se passa com o exemplar de D. João Fernandes, de Lamego (1285-1296†), onde, de cada lado da figura do prelado, representado *stante* de acordo com os cânones tradicionais, se vê uma cabeça, correspondendo às efigies de S. Pedro e de S. Paulo⁸⁰, decalcando, por exemplo, e apenas com pequenas diferenças, o modelo presente nos selos do abade de Westminster Richard de Crokesley, de 1255, e do bispo Tommaso Andrei de Pistóia, de 1291⁸¹. Esta

⁸⁰ ANTT, Sé de Lamego, Autos cíveis, M. 1, nº 5, de 10 de Agosto de 1290.

⁸¹ Veja-se a reprodução do selo do abade de Westminster em SELLA, Pietro – *I sigilli dell'Archivio Vaticano*. T. I. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1937, p. 178, nº 609; e o exemplar do bispo de Pistóia publicado e disponível em http://expo.khi.fi.it/galleria/sigilli/pietro-e-paolo/view?set_language=it [Consultado a 15.05.2013]. Esta representação no campo sigilar das efigies de S. Pedro e S. Paulo foi, aliás, uma prática com alguma difusão durante o século XIII, como forma de deferência para com a Santa Sé, tal como nos diz BECCHETTI, Luca – *Sigilli ecclesiastici...*, p. 30.

mesma composição iconográfica foi adoptada por D. Vasco Martins de Alvelos (1297-1302), quer enquanto bispo de Lamego quer depois como bispo da Guarda, no que constitui o primeiro caso detectado em Portugal de manifesta imitação da matriz de outro prelado, neste caso do seu antecessor na diocese lamecense (Fig. 7)⁸². Os elementos de tipo hagiográfico que associam estes bispos aos dois santos, com uma justificação talvez mais institucional que devocional, podem ser aproximados dos atributos iconográficos marianos que surgem em outros selos, como é o caso da matriz usada por D. Egas Fafes de Coimbra, já apresentada (Fig. 4), que contém um crescente e uma estrela, conhecidos elementos cosmológicos associados também a Nossa Senhora, denotando aqui de forma clara a devoção de D. Egas à Virgem, bem patente, aliás, na instituição que fez do canto solene quotidiano da *Salve Rainha* na Sé conimbricense⁸³.

Regressando à evolução das representações inscritas no campo dos selos episcopais a partir do último quartel do século XIII, vimos que, além dos selos de tipo hagiográfico, também se procedeu a uma aproximação aos modelos entretanto tornados comuns na Europa daqueles em que a primazia continuou a ser dada à imagem do prelado, através da integração de elementos arquitectónicos góticos, como ocorre nos selos dos bispos do Porto D. Vicente Mendes (1285 e 1294) e D. Sancho Pires (1299)⁸⁴, ou ainda de cenas hagiográficas em torno da sua figura. É disso um claro exemplo o selo adoptado pelo arcebispo de Braga D. Martinho de Oliveira (1295), atrás referido a propósito dos paramentos

⁸² Sobre este prelado e o selo que usou enquanto bispo da Guarda, vid. *supra*, nota 49.

⁸³ A instituição desta prática é referida por MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 143. Sobre a presença destes elementos simbólicos nos selos episcopais, vid. COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 50.

⁸⁴ ANTT, Most. S. Salvador de Moreira, M. 9, n.º 33, de 8 de Julho de 1285; Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Pergaminhos, n.º 34P, de 1 de Abril de 1294; e AUC, Pergaminhos, Gav. 23, n.º 1, de 13 de Setembro de 1294, correspondem às impressões conhecidas do selo de D. Vicente Mendes; e ANTT, Most. S. Salvador de Vairão, M. 6, n.º 6, de 29 de Janeiro de 1299, à única impressão que se conhece do selo de D. Sancho Pires; ambos descritos e reproduzidos por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 158- 161. Sobre o percurso de D. Vicente Mendes, vid. CUNHA, Maria Cristina, SILVA, Maria João Oliveira – The king's service and God's service: attitudes of the prelate from Porto: D. Vicente Mendes (1260-1296). In *CARREIRAS eclesiásticas no Ocidente cristão...*, p. 259-267.

litúrgicos (Fig. 4), onde nos dois planos em que o campo do selo se divide, o destaque principal cabe ao prelado, de pé, a abençoar, figurando sobre a sua imagem, em menores dimensões, a Virgem sentada no trono com o Menino ao colo.

São seguidores desta gramática figurativa os selos do bispo de Coimbra D. Jorge Eanes (1338-1356†), de que conhecemos duas matrizes diferentes, ambas com o campo dividido em várias secções⁸⁵. O lugar principal é deixado ao bispo *stante*, sendo a parte superior ocupada com a imagem a três quartos da Virgem com o Menino ao colo. Nestes selos armoriados, os escudos de armas estão também presentes, embora bastante delidos (Fig. 8).



Fig. 8 – Selos do bispo de Coimbra D. Jorge Eanes (1ª matriz, 1344, e 2ª matriz, 1353) © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 58, nº 2164 e M. 57, nº 2130).

⁸⁵ A mais recente, que usava em 1353, foi já referida *supra*, nota 58, onde se indica também bibliografia sobre este bispo. Da matriz anterior faz prova o selo de 6 de Setembro de 1344 conservado em ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 58, nº 2164, reproduzido em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – Bispos em tempos de guerra..., p. 541.

A heráldica, de facto, emerge em grande força nos selos do século XIV. Assim vemos, entre outros, no caso de outro bispo da mesma diocese, D. Martinho Afonso de Miranda (1385-1398), que posteriormente foi arcebispo de Braga (1398-1416†)⁸⁶. Enquanto prelado de Coimbra, usou dois selos diferentes, um de maiores dimensões, designado por *selo pontifical*, outro menor, chamado *selo de camafeu*⁸⁷. O primeiro corresponde a um exímio trabalho de gravação, que apresenta na parte central do campo um retábulo ricamente decorado, onde a Virgem, de pé, com o Menino nos braços, surge ladeada por dois santos mártires que, por ora, ainda não pudemos identificar. Na parte inferior, D. Martinho parece estar ajoelhado, sendo ladeado por dois escudos com as suas armas. São esses símbolos heráldicos, encimados por um elmo, o único motivo do *selo de camafeu*; as menores dimensões deste selo permitem-nos aventar a possibilidade que a sua matriz estivesse encastoada num anel ou fosse um sinete (Fig. 9).

Gravados também a partir de sinetes ou de matrizes anelares seriam, decerto, os contra-selos que alguns bispos utilizaram para reforçar a validade aos diplomas onde os apuseram, acrescentando assim à dupla linguagem (imagem/legenda) a dupla face (anverso-reverso/selo-contra-selo). Nas dioceses de outros reinos, os primeiros contra-selos datam da segunda metade do século XII⁸⁸. Em Portugal, porém, a sua introdução nos selos episcopais parece mais

⁸⁶ A seu respeito, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – Bispos em tempos de guerra..., p. 546-549.

⁸⁷ Respectivamente, ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 12, nº 554, de 17 de Julho de 1391 e ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 65, nº 2384, de 15 de Setembro de 1393; reproduzidos em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – Bispos em tempos de guerra..., p. 548; reproduzidos e estudados em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – L'héraldique dans les sceaux... Neste último trabalho é também analisado e reproduzido um selo de 1412 usado por D. Martinho quando era arcebispo de Braga, com formato redondo e o campo totalmente preenchido pelos seus elementos heráldicos.

⁸⁸ Vid. BAUTIER, Robert-Henri – Apparition, diffusion et évolution..., p. 236-237. Sobre o sentido exacto do contra-selo e a sua evolução, vid. BEDOS, Brigitte – L'emploi du contre-sceau au Moyen Âge: l'exemple de la sigillographie urbaine. *Bibliothèque de l'École des Chartes*. 138/2 (1980) 161-178.



Fig. 9 – *Selo pontifical* (1391) e *selo de camafeu* (1393) de D. Martinho Afonso de Miranda, bispo de Coimbra © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 12, nº 554 e M. 65, nº 2384).

uma vez coincidir com a vinda para Coimbra do francês D. Aimerico d'Ébrard, em 1279⁸⁹, pois não conhecemos qualquer selo episcopal anterior ao seu que tenha, no verso, a impressão do selo secreto do prelado⁹⁰. No entanto, encontramos um exemplo de contra-selo de 1278, usado por mestre João Soares, que exerceu funções de deão da Sé do Porto entre 1262 e 1283⁹¹; o selo que usou é também muito pouco vulgar para a época, como veremos.

Porém, entre o elenco do episcopado português, e tal como afirmámos, a primazia na utilização do contra-selo parece ter pertencido a D. Aimerico

⁸⁹ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 651-653.

⁹⁰ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 64, nº 2630, de 20 de Abril de 1290.

⁹¹ ANTT, Colegiada de S. Martinho de Cedofeita, M. 1, nº 1, de 7 de Abril de 1278. As datas do deado de mestre João Soares são indicadas por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 317.



Fig. 10 – *Contra-selos* de D. Frei Telo de Braga (1284), D. João Fernandes de Lamego (1290), D. Egas Viegas de Viseu [1289-1313], D. Vasco Martins de Alvelos de Lamego (1297), D. Fernando de Coimbra (1303) e D. João Martins de Soalhães de Lisboa (1306) © Documentos cedidos pelo ANTT (Colegiada de Sta. Maria de Guimarães, D.E., M. 2, n° 12; Sé de Lamego, Autos Cíveis, M. 1 n°5), AMGV (Selos Soltos, n° 1) e ANTT (Most. Arouca, Gav. 2, M. 2, n° 4; Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 63, n° 2305); TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n° 325.

d'Ébrard, sendo pouco depois seguido por diversos outros prelados, como D. Frei Telo, arcebispo de Braga (1279-1292†), de quem se conhece um selo com contra-selo de 1284⁹², e os já referidos D. João Fernandes de Lamego (1290)⁹³,

⁹² ANTT, Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, D.E., M. 2, n° 12, de 6 de Dezembro de 1284.

⁹³ Vid. *supra*, nota 80; reproduzido em CUNHA, Maria Cristina Almeida; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Traditionalisme, régionalisme et innovation...*, p. 315.

D. Egas Viegas de Viseu (1291)⁹⁴, D. Vasco Martins de Alvelos de Lamego (1297)⁹⁵, D. Fernando de Coimbra (1303)⁹⁶, D. João Martins de Soalhães de Lisboa (1304)⁹⁷ e D. Afonso de Lamego (1305)⁹⁸ (Fig. 10). Todos seguem um de dois modelos figurativos: ou um busto de prelado mitrado, com a legenda que indica tratar-se do seu selo secreto, ou o bispo representado até à cintura, com o báculo na mão esquerda, estando a direita erguida, abençoando. Em qualquer dos casos, a escolha recai, uma vez mais, sobre a representação do bispo e dos símbolos do exercício do seu poder⁹⁹. Apenas encontrámos três curiosas exceções relativas a três prelados do Porto, D. Vicente Mendes (1260-1296†), D. Geraldo Domingues (1300-1307) e D. Afonso Pires (1359-1372†). Os dois primeiros usaram contra-selos cujos campos reproduzem antigas gemas gravadas com figuras da mitologia greco-romana, muito apreciadas durante a Idade Média e cuja significação alegórica clássica era bem conhecida, tendo a sua utilização sigilar alcançado uma importante difusão entre as elites mais esclarecidas e “estrangeiradas” da época, a que pertenceram, precisamente, estes dois bispos portugueses¹⁰⁰ (Fig. 11). No caso de D. Afonso Pires, a singularidade destaca-se

⁹⁴ Vid. *supra*, nota 73. Sobre o contra-selo usado por este bispo, vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – Uma identidade em construção: 1230-1500. In *MONUMENTOS de escrita: 400 anos da história da Sé e da cidade de Viseu: 1230-1639*. Coord. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA. Viseu: IMC, 2007, p. 47 (na p. 34 publica-se uma fotografia ampliada de um exemplar desse contra-selo).

⁹⁵ ANTT, Most. Arouca, Gav. 2, M. 2, n.º 4, de 26 de Outubro de 1297; reproduzido em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 385, grav. 1 e CUNHA, Maria Cristina Almeida; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Traditionalisme, régionalisme et innovation...*, p. 315.

⁹⁶ Vid. *supra*, nota 75.

⁹⁷ Vid. *supra*, nota 77 e TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n.º 325.

⁹⁸ ANTT, Sé de Lamego, Doações, M. 2, n.º 9, de 8 de Outubro de 1305. Este exemplar de selo com contra-selo, único que se conhece para este prelado que foi bispo de Lamego entre 1302 e 1306, é reproduzido por SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 386, gravura 2.

⁹⁹ Sobre as figurações presentes habitualmente nos contra-selos, vid. BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 236-237.

¹⁰⁰ AUC, Pergaminhos, Gav. 23, n.º 1, de Setembro de 1294 e n.º 2, de 27 de Junho de 1304, respectivamente; ambos descritos e reproduzidos por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 158-159 e 161-162. Estes dois contra-selos tinham já há um século sido referidos por VASCONCELOS, António de – Um documento precioso. *Revista da Universidade de Coimbra*. 1 (1912) 390, que os examinou atentamente e considera terem ambos usado a mesma pedra antiga, gravada com

pela utilização de um contra-selo composto pelo seu escudo de armas, o que constitui o único exemplo até ao momento conhecido de tipo armorial¹⁰¹.



Fig. 11 – *Contra-selo do bispo do Porto D. Vicente Mendes* (1294)
© Documento cedido pelo AUC (Pergaminhos, Gav. 23, nº 1).

uma formosa cabeça de molher. Note-se que D. Geraldo Domingues, em documento de 1305, sendo ainda bispo do Porto, não usou o contra-selo (vid SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 162), nem o utilizou também em documento de 1 de Outubro de 1318 (ANTT, Gavetas, Gav. 12, M. 5, nº 1), quando era já bispo de Évora (1313/14-1321†). O uso de gemas antigas gravadas nas matrizes de contra-selos encontra-se amplamente documentado, tanto para França como para Inglaterra, por GIL, Marc – *L'art sigillaire se prête-t-il à la production d'images allégoriques?* In *L'ALLÉGORIE dans l'art du Moyen Âge...*, p. 208-211; BAUTIER, Robert-Henri – *Apparition, diffusion et évolution...*, p. 236-237; CHENEY, C. R. – *English bishops' chanceries...*, p. 50-51. Sobre o reaproveitamento destas pedras antigas na feitura de matrizes sigilares, vid. CHASSEL, Jean-Luc – *De la diplomatie à la glyptique: notes sur l'usage des intailles sigillaires au Moyen Âge*. In *RETOUR aux sources: textes, études et documents d'histoire médiévale offerts à Michel Parisse*. Éd. Sylvain GOUGUENHEIM. Paris: Picard, 2004, p. 43-53; BAUDIN, Arnaud – *Les intailles dans les sceaux de la maison de Blois-Champagne aux XII^e et XIII^e siècles: raffinement des élites et phénomène de mode*. In *LES SCEAUX: sources de l'histoire médiévale en Champagne*. Dir. Jean-Luc CHASSEL. Paris: SFHS, 2007, p. 117-123; e BLOCHE, Michaël – *Les sceaux des abbés et du convent de la Trinité de Fécamp, XII^e - début du XIV^e siècle*. *Tabularia*. 13 (2013) 27-64. Acerca de D. Vicente Mendes e D. Geraldo Domingues, vid. *supra* notas 84 e 76, respectivamente.

¹⁰¹ ANTT, Gavetas, 13, M. 5, nº 4, de 17 Junho de 1361. SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 164-165 descreve e reproduz outra impressão do selo e contra-selo deste prelado, mas, no desconhecimento desta impressão do contra-selo que agora publicamos, nada registou acerca da sua particularidade. Sobre a figura e o percurso de D. Afonso Pires, vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *O processo de inquirição dos bens de um prelado trecentista: D. Afonso Pires, bispo do Porto (1359-1372)*. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 197-228.

Estas são as exceções no que toca aos contra-selos; quanto aos selos, referimos já existir uma figuração diferente, aliás muito precoce. Diz respeito ao bispo de Coimbra, D. Pedro Soares, que, durante o seu longuíssimo episcopado decorrido entre 1192 e 1232, utilizou duas matrizes sigilares diferentes, mas com a mesma imagem gravada no campo (Fig. 12)¹⁰². Maria do Rosário Morujão, ao estudá-la para a sua tese de doutoramento, interpretou-a, com o contributo de Eduardo Carrero Santamaría, como uma Anunciação, com o Anjo Gabriel, aureolado e de joelhos flectidos, diante da Virgem, que segura um livro na mão esquerda¹⁰³. Hoje, dispondo de novos exemplares de selos deste bispo,



Fig. 12 – Selo de D. Pedro Soares, bispo de Coimbra (1ª matriz, 1205-1206)
© Documento cedido pelo ANTT (Most. Lorvão, M. 7, nº 35).

¹⁰² Sobre D. Pedro Soares, o seu governo e a sua importância nas práticas de escrita da catedral de Coimbra, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 118-124 e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *Frontières documentaires: les chartes des chancelleries épiscopales portugaises...*, p. 441-466.

¹⁰³ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 640-642, onde são reproduzidos dois exemplares da primeira matriz usada por este bispo; uma boa impressão da segunda encontra-se em ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 10, nº 25, de Janeiro de 1220.

temos grandes dúvidas de que a figura à qual o anjo da Anunciação se dirige seja Nossa Senhora, parecendo antes um bispo, talvez o próprio sigilante, se bem que a sua identificação ainda não esteja completamente esclarecida. Seja esta qual for, certo é que estamos na presença de um selo muito diferente dos que à época eram usados pelos prelados diocesanos portugueses, o que sem dúvida reflecte a originalidade e o espírito inovador que caracterizou o episcopado de D. Pedro Soares em Coimbra.

Para concluir esta perspectiva global sobre os selos episcopais, falta mencionar os modelos sigilares usados pelos prelados eleitos, isto é, antes de receberem a consagração do seu múnus. A figuração tradicional nestes casos é a de um eclesiástico envergando a dalmática, mas não a casula, sem mitra nem báculo, e segurando um livro com ambas as mãos¹⁰⁴. Assim aparecem representados D. Tibúrcio (1240) e D. Egas Fafes (1247/48), ambos à frente da diocese de Coimbra durante vários anos antes da consagração¹⁰⁵, e D. Mateus, eleito de Lisboa (1259-1260) e bispo consagrado desta diocese entre 1260/61 e 1282†¹⁰⁶.

2. Selos dos Cabidos

Voltemos agora a nossa atenção para os selos capitulares. Das nove canónicas catedralícias medievais portuguesas apenas ainda não conhecemos o selo usado pela canónica da Guarda. Sabemos que a grande maioria dos cabidos usou matrizes de tipo hagiográfico, representando no campo o seu símbolo por excelência, a padroeira das catedrais, Nossa Senhora. A Mãe de Deus, principal

¹⁰⁴ Assim nos diz COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 49.

¹⁰⁵ Os seus selos como bispos eleitos foram estudados e reproduzidos em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 643-644 e 645-647, respectivamente.

¹⁰⁶ ANTT, Most. Alcobaça, 1ª inc., M. 9, nº 36, exemplar mutilado na secção superior e já destacado do documento original de Junho de 1259.

mediadora entre o Céu e a Terra, escolhida para proteger e dar o nome à principal igreja da diocese, tornava-se desse modo a imagem do próprio templo, sede da corporação capitular, sendo representada, com o Filho nos braços, no selo da respectiva formação canónica¹⁰⁷.

Assim sucedeu em Braga¹⁰⁸, Coimbra¹⁰⁹, Lamego¹¹⁰, Viseu¹¹¹ e Silves¹¹². O selo do cabido de Lisboa, que até aos inícios do século XIV conheceu três matrizes diferentes, apresenta a Virgem, mas associou-lhe, desde 1247, com a segunda matriz, o santo patrono da cidade, S. Vicente, cujas relíquias se conservavam na Sé desde o tempo do rei fundador¹¹³ (Fig. 13).

Totalmente diferentes são os selos das canónicas das Sés do Porto e de Évora. Do selo capitular do Porto apenas conhecemos, por ora, descrições

¹⁰⁷ Vid. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – O culto mariano na sigilografia medieval portuguesa. In *CONGRESSO histórico de Guimarães e sua colegiada*. Actas. Vol. 4. Guimarães: [s. n.], 1981, p. 435-467; para o caso francês, e partindo do selo do cabido da catedral de Chartres, vid. os vários exemplos de representações da Virgem em matrizes capitulares apresentados por BEDOS, Brigitte – Le sceau du chapitre de Notre Dame de Chartres: témoin d'une antique tradition mariale. *Le Club Français de la Médaille*. 64 (1979) 132-135.

¹⁰⁸ ANTT, Gavetas, Gav. 7, M. 12, n° 13, de Fevereiro de 1227; pelas características formais que este exemplar apresenta pensamos poder corresponder ao primeiro selo usado pelo cabido bracarense, descrito e reproduzido em TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n° 136.

¹⁰⁹ Os selos usados pelo cabido de Coimbra até 1318 são estudados e reproduzidos em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 657-666.

¹¹⁰ Nas três matrizes até agora apuradas: a primeira, de que existe um exemplar de 25 de Novembro de 1276 (ANTT, Sé de Lamego, Compras, M. 1, n° 11); a segunda usada a 3 de Novembro de 1322 (ANTT, Sé de Lamego, Autos cíveis, M. 1, n° 25); e a terceira, já quatrocentista, usada a 11 de Janeiro de 1442 (ANTT, Sé de Lamego, Doações, M. 4, n° 29). O exemplar de 1322 ilustra a capa de SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*

¹¹¹ Pode-se ver a reprodução de um exemplar do selo quatrocentista do cabido de Viseu, assim como a descrição das matrizes anteriormente usadas por essa canónica, em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *Uma identidade em construção...*, p. 42.

¹¹² Do cabido de Silves conhecemos até ao momento um único exemplar, muito mutilado, de 20 de Junho de 1373 (ANTT, Ordem de Avis, M. 5, n° 480). TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n° 406, apresenta (sem reproduzir) um selo com esta cota que indica ser do cabido de Silves; contudo, a descrição que dele faz corresponde não ao selo capitular, mas ao da cúria episcopal desta diocese, que se encontra apostado nesse mesmo documento.

¹¹³ Vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 112-113. Sobre o culto de S. Vicente, vid. NASCIMENTO, Aires Augusto do – *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2011.



Fig. 13 – Selos do cabido da Sé de Braga (1227), da Sé de Coimbra (5ª matriz, 1252), da Sé de Lisboa (2ª matriz, 1255), da Sé de Évora (1ª matriz, 1259) e da Sé de Lamego (2ª matriz, 1322) © TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 136; documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 15, nº 6) e Universidade do Minho/ADB (Gav. Propriedades Particulares, nº 534); TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 86; e documento cedido pelo ANTT (Sé de Lamego, Autos Cíveis, M. 1, nº 25).

trecentistas, de que esta, de 1354, é uma das mais completas: *pequeno redondo e tinha em sy hua figura de angio com suas asas e aos pes del jazia hua figura de serpe pela boca da qual serpe tinha o dito angio metuda hua lança*¹¹⁴, que nos leva a concluir sobre a adopção do arcanjo S. Miguel como emblema devocional do cabido portuense¹¹⁵.

Já o cabido da Sé de Évora adoptou e manteve o *Agnus Dei* ou Cordeiro Pascal nas duas primeiras matrizes que usou, pelo menos até finais do século XIII¹¹⁶ (Fig. 13). Tudo leva a crer que esta opção se deva à importante influência que durante este período tiveram no território português as chancelarias da Ordem do Templo e do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de onde inclusive foram originários os primeiros prelados desta diocese alentejana¹¹⁷. Com efeito, os conventos dos cavaleiros templários e dos monges crúzios de Coimbra adoptaram desde sempre nos seus selos em forma circular este tema devocional, um dos mais antigos símbolos cristológicos do sacrifício do Salvador na cruz, com a diferença de que esses incluíam na figuração do *Agnus Dei* e do pendão alusivo ao mistério da ressurreição de Cristo uma bandeira ondulante, que o cabido eborense apenas acrescentou aquando da gravação da sua segunda matriz, entre o terceiro e o último quartel do século XIII¹¹⁸. Estes selos dos cabidos das Sés do Porto e de Évora, tal como a terceira matriz do selo do cabido de Lisboa, contrastam também relativamente aos das outras canónicas

¹¹⁴ Descrição publicada por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 169.

¹¹⁵ A figura de S. Miguel não é incomum em selos, como se pode ver em BASCAPÉ, Giacomo C. – *Sigillografia...* Vol. 1, p. 59.

¹¹⁶ O exemplo mais antigo corresponde a um selo de 1211 (ANTT, Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 1, nº 41). Note-se que TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigillografia...*, nº 86, descreve este selo, atribuindo-lhe, no entanto, data e cota erradas.

¹¹⁷ Vid. GOMES, Saul António – In limine conscriptionis..., p. 873; e Observações em torno da chancelaria da Ordem do Templo em Portugal. In *AS ORDENS militares de cavalaria entre o Ocidente e o oriente*. Coord. Isabel Cristina FERNANDES. Palmela: Câmara Municipal-GESOS, 2009, p. 121-139; e VILAR, Hermínia Vasconcelos – *As dimensões de um poder: a diocese de Évora na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1999, p. 29-31.

¹¹⁸ O último exemplo da primeira matriz corresponde a um selo de 1259 (ANTT, Gavetas, 1, M. 4, nº 6) e o primeiro da segunda a um selo de 16 de Junho de 1279 (ANTT, Gavetas, 17, M. 5, nº 12). TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigillografia...*, nº 195, descreve o selo de 1259, atribuindo-lhe, no entanto, data e cota erradas.

catedralícias no que diz respeito ao formato, pois são redondos, e não em dupla ogiva¹¹⁹.

Estas matrizes foram sendo substituídas ao longo do tempo, mantendo ou não os mesmos formatos e iconografia, ou interpretando e actualizando esta de novas formas, mais consentâneas com os modelos culturais e artísticos de cada época. A evolução dos selos capitulares na longa duração constitui matéria de investigação de particular interesse e novidade que desejamos explorar em breve, sobretudo atendendo às alterações que se verificaram na reformulação estética e iconográfica das suas matrizes logo no início ou durante o reinado de D. Afonso III, ou seja, entre 1248 e 1279, e às práticas sigilares dos cabidos *Sede vacante*. Até ao momento, este tema ainda só foi estudado de forma pormenorizada no caso da Sé de Coimbra, para a qual se conhece uma única matriz do selo do cabido usada em tempo de Sé vacante e seis matrizes utilizadas pelo cabido desde 1205 ou 1206 até cerca de 1318, todas estas representando a Virgem com o Menino¹²⁰. Durante menos de meio século, os selos desta canónica foram sendo substituídos com frequência, não sendo usados por mais de uma década; a quinta matriz, porém, de que conhecemos uma primeira impressão datada de 1252, conheceu uma longa vida, já que foi utilizada até ao início de Trezentos (Fig. 13)¹²¹. Nessa altura foi substituído, mas de forma ocasional, voltando a ser usado durante a primeira metade do século XIV, até que a nova matriz, surgida pela primeira vez em 1301, e com uma gramática decorativa marcadamente gótica, passou a ser a preferida. Talvez a razão para a reposição da matriz ducentista se relacione com o facto de

¹¹⁹ Refira-se que o cabido de Lisboa passou de um selo em forma de dupla ogiva para outro circular, que usava já, pelo menos, em 1295; um exemplar desse selo redondo encontra-se reproduzido em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 113. Ao contrário, a canónica de Viseu começou por usar um selo redondo, de que se conhece um exemplar de 1226, mas em 1285 já tinha adoptado a forma verticalizada da dupla ogiva, como indica SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *Uma identidade em construção...*, p. 42.

¹²⁰ Vid. *supra*, nota 107.

¹²¹ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 15, nº 6, de 19 de Março de 1252. Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 663-665.

ser há já tantos anos conhecida como a imagem emblemática do antigo e influente cabido da Sé; se esta for a explicação, temos aqui uma vez mais demonstrado o valor do selo como elemento basilar de identificação da entidade que o possuía, assim como o papel simbólico que desempenhava e que por todos era reconhecido.

3. Selos das Cúrias Episcopais

Outros selos directamente ligados ao mundo das catedrais eram os da cúria episcopal. À medida que, ao longo do século XIII, este órgão se foi constituindo, ganhando autonomia e tornando-se uma verdadeira instância de governo das dioceses, adquiriu também o direito de ter um selo próprio¹²². De novo, a primazia parece ter pertencido a Coimbra e à iniciativa de D. Aimerico d'Ébrard: foi ele quem, copiando práticas já há muito presentes, por exemplo, em algumas chancelarias de dioceses francesas e italianas¹²³, introduziu o selo da cúria, iniciativa, aliás, muito contestada pelos cónegos, por considerarem que apenas ia servir para extorquir dinheiro, através dos emolumentos que passariam a ser cobrados pela sua utilização¹²⁴. Certo é que a vontade do bispo imperou, e a partir de 1283 encontramos múltiplos exemplares de documentos provenientes da audiência episcopal que já não eram, como antes, selados com os selos dos juízes que a ela presidiam, mas sim com um novo selo, circular, em cujo campo estavam

¹²² Sobre as cúrias diocesanas, vid. GUYOTJEANNIN, Olivier – Jurisdiction gracieuse ecclésiastique et naissance de l'officialité à Beauvais: 1175-1220. In *À PROPOS des actes d'évêques: hommage à Lucie Fossier*. Dir. Michel PARISSÉ. Nancy: Presses Universitaires, 1991, p. 295-310 e, para o caso português, MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 285-291 e SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 16-18.

¹²³ Vid. CHASSEL, Jean-Luc – Note sur l'iconographie et la légende des sceaux d'officialités épiscopales au Moyen Âge. In *SIXIÈME CONGRÈS de l'Association des cercles francophones d'Histoire et d'Archéologie de Belgique et LIII^e Congrès de la Fédération des cercles d'Archéologie et d'Histoire de Belgique*. T. 4. Mons: Société d'Histoire et d'Archéologie de Mons-Centre Hannonia, 2004, p. 1073-1084; e o selo da cúria episcopal de Siena, do primeiro terço do século XIV, reproduzido no *catálogo Sigilli ecclesiastici dalle collezioni Strozzi*. A cura di Bruna TOMASELLO. Firenze: Museo Nazionale del Bargello, 1989, p. 105.

¹²⁴ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 148 e 667-669.

representados os três símbolos por excelência do poder episcopal, a que estava submetido este tribunal: a mitra, o anel e o báculo (Fig. 14)¹²⁵. Este selo, notável pela qualidade de execução da sua matriz e pela estratégia de organização dos elementos iconográficos que apresenta, dispensando a figura humana para dar lugar, apenas, aos símbolos, estava destinado a uma longuíssima utilização, que



Fig. 14 – Selo da cúria episcopal de Coimbra (1292)
© Documento cedido pelo ANTT (Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 2, nº 91).

perdurou até à Época Moderna; as matrizes foram sendo substituídas, como sucedeu por volta de 1338¹²⁶, e depois cerca de 1400¹²⁷, mantendo porém o essencial, ou seja, os mesmos atributos, com pequenas actualizações. Na

¹²⁵ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 2, nº 91, de 5 de Maio de 1292; selo reproduzido e estudado em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 667-669; reproduzido também em CUNHA, Maria Cristina Almeida e; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Traditionalisme, régionalisme et innovation...*, p. 316.

¹²⁶ Com essa nova matriz foi selado, a 28 de Novembro de 1338, o documento com a cota ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 64, nº 2346.

¹²⁷ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 8, nº 391, de 26 de Outubro de 1400. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 437 apresenta uma outra impressão gravada com esta mesma matriz, datada de 1427, que identifica como pertencendo ao cabido, erro em que incorre também nos selos nº 167, 201, 258, 293, 398 e 454.

primeira matriz, a crossa do báculo termina com uma flor-de-lis, símbolo mariano¹²⁸; por baixo do anel e à direita da mitra, surge um crescente de lua, sendo o anel encimado por uma estrela – provas da devoção à Virgem de D. Aimerico, que escolhera, recorde-se, uma inusitada cena do Presépio para o seu selo pessoal, e que concretizara a instituição da recitação diária da *Salve Rainha* na Sé, feita, como foi já referido, por D. Egas Fafes¹²⁹. Além disso, na sua legenda existe um espaçamento excessivo das letras da palavra *curie*; na segunda matriz, esse defeito foi corrigido, a estrela de oito pontas passou a ter apenas seis e retirou-se um dos crescentes, sendo actualizados os outros elementos; na terceira, mantêm-se os mesmos elementos, mas o crescente de lua passou a ter as pontas viradas para cima e o fundo do selo deixou de ser liso, como era até então¹³⁰.

Com o correr do tempo, as outras cúrias episcopais foram igualmente dotadas de selos próprios, também circulares. Vejamos, desde logo, o caso de Lisboa, igualmente digno de nota pela sua singularidade no contexto catedralício nacional. Pelo menos a partir dos finais do reinado de D. Afonso IV, o motivo escolhido para o campo sigilar é de carácter marcadamente simbólico e, tal como se verifica nos selos dos bispos, do clero e também do concelho da cidade, relaciona-se directamente com o culto das relíquias do mártir S. Vicente, que, como sabemos, recebeu um forte patrocínio na catedral lisboeta durante o reinado deste monarca. Com efeito, tanto quanto nos é possível

¹²⁸ Sobre a simbologia da flor-de-lis, vid. PASTOUREAU, Michel – *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Paris: Seuil, 2004, p. 101-103.

¹²⁹ Vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 154.

¹³⁰ É muito interessante verificar que a imagética do selo da cúria episcopal de Coimbra foi imitada pelo mosteiro de Santa Cruz para criar a matriz da audiência do seu prior. Assim se vê em ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 78, nº 3305, de 14 de Abril de 1382, documento autenticado com o *seello da audiencia do dicto senhor prior de Sancta Cruz*, redondo, apresentando, invertida, a figuração da matriz da Sé, ou seja, com o anel à direita, a mitra à esquerda e no centro o báculo, com a crossa virada para a esquerda, ao contrário do que sucedia no selo da cúria episcopal. O crescente e a lua, de inspiração mariana, foram eliminados e substituídos por uma cruz de pontas floreadas sobre o báculo, que faz a clara ligação com a invocação do mosteiro. Vid. GOMES, Saul António – *In limine conscriptionis...*, p. 1012, nº 27, com reprodução na imagem S23.

perceber das impressões que pudemos observar, resultantes das três matrizes por nós inventariadas, entre 1356 e 1400, e de algumas descrições feitas pelo Marquês de Abrantes¹³¹, o selo da audiência episcopal da cidade que D. Afonso IV também elevou a capital do reino apresenta uma mitra na parte superior, encimada por uma cruz e ladeada por dois anjos com turíbulos que incensam esta insígnia do poder episcopal¹³²; os anjos e a mitra assentam, por sua vez, sobre uma estrutura que em tudo parece simbolizar a arca das relíquias de S. Vicente, sobre a qual pende um pano drapeado, cuja forma côncava lembra a barca em que foram transportadas as relíquias do santo mártir até Lisboa¹³³ (Fig. 15).



Fig. 15 – Selo da audiência episcopal de Lisboa (2ª matriz, 1381)
© TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 427.

¹³¹ Vid. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 426/ 427, que apresenta, erradamente, como sendo do cabido da Sé de Lisboa.

¹³² ANTT, Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 12, nº 35, de 24 de Fevereiro de 1356.

¹³³ Vid. nota anterior e os selos de 5 de Junho de 1381 e de 6 de Setembro de 1400 em ANTT, Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 18, nº 8 e M. 21, nº 39, respectivamente.

Nos selos das audiências das Sés do Porto¹³⁴, Viseu¹³⁵, Lamego¹³⁶, Guarda¹³⁷, Évora¹³⁸ e Silves¹³⁹, a representação do poder episcopal não dispensou a figuração humana, surgindo-nos um busto do bispo, no caso de Viseu, inserido num baldaquino gótico; são estes exemplares quase semelhantes às matrizes dos contra-selos usados por alguns prelados a que há pouco fizemos menção. Em Braga, porém, a iconografia adoptada foi completamente diferente (Fig. 16)¹⁴⁰: o seu selo apresenta Nossa Senhora coroada, sentada, com o Menino à sua esquerda (junto ao qual se contam quatro estrelas), segurando na mão direita uma cruz com pé alto. Ou seja, quem se invoca para dar autoridade aos actos emanados da audiência arquiépiscopal não é a pessoa do arcebispo, mas Santa Maria, a padroeira da Sé, aquela que presidia à catedral bracarense, como protectora e intercessora. À partida pode-nos parecer estranho que esta matriz, com características técnicas e formais muito semelhantes aos selos portugueses da primeira metade do século XIII, tenha sido mantida até ao século XV; talvez a

¹³⁴ Vejam-se as referências indicadas e o exemplar de Julho de 1304 reproduzido por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral ...*, p. 171-172, bem como uma outra matriz quatrocentista em ANTT, Arquivos Particulares, Família Alão de Morais, n° 4, de 29 de Fevereiro de 1435.

¹³⁵ Vejam-se as referências a diferentes impressões datadas entre 1331 e 1456 e a reprodução de um exemplar de 28 de Fevereiro de 1386 em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *Uma identidade em construção...*, p. 37.

¹³⁶ Vejam-se os exemplos de três matrizes do selo da audiência episcopal de Lamego em ANTT, Sé de Lamego, Sentenças, M. 1, n° 9, M. 3, n° 10 e AUC, Pergaminhos, Gav. 23A-N19, de 3 de Julho de 1359, 6 de Novembro de 1432 e 6 de Dezembro de 1477, respectivamente.

¹³⁷ O único exemplar que conhecemos do selo da audiência episcopal da Guarda encontra-se em ANTT, Most. Santa Cruz de Coimbra, 1ª inc., M. 18, n° 39, e data de 10 de Abril de 1348.

¹³⁸ O único exemplar que conhecemos do selo da audiência episcopal de Évora encontra-se no Arquivo do Cabido da Sé de Portalegre, s.n., e data de 11 de Março de 1400. Agradecemos esta preciosa informação ao nosso colega e amigo Pedro Pinto.

¹³⁹ O único exemplar que conhecemos do selo da audiência episcopal de Silves encontra-se em ANTT, Ordem de Avis, M. 5, n° 480, e data de 20 de Junho de 1373 (vid. *supra*, nota 112).

¹⁴⁰ *Catálogo do Arquivo do Museu de Grão Vasco I*. Coord. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA. Viseu: IMC, 2007 – Selos Avulsos, n° 2, sem data [sécs. XIII-XV]; ANTT, Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, D.E., M. 3, n° 49, de 9 de Maio de 1398 e Most. S. Miguel de Vilarinho, M. 5, n° 20, de 22 de Junho de 1417. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, n° 78-80 elenca três selos da cúria bracarense, um de 1394 e os outros dois da primeira década do século XV, que diz ter encontrado no Arquivo Distrital de Braga e que identifica, erradamente, como sendo do cabido.

razão esteja, uma vez mais, na força do símbolo e no peso da tradição da audiência arquiépiscopal de Braga, a única existente em território nacional até à promoção de Lisboa ao estatuto de arquidiocese, em 1394. Neste selo de Braga, a Virgem coroada apresenta aspectos formais muito semelhantes aos daquela que encontramos no selo do próprio cabido bracarense de 1227¹⁴¹ (Fig. 13), pormenor que reforça a nossa hipótese de se poder tratar de uma matriz com origem muito recuada e, por conseguinte, aquela que teve um uso mais prolongado – por mais de dois séculos – no contexto da sigilografia das catedrais medievais portuguesas.



Fig. 16 – Selo da audiência arquiépiscopal de Braga [sécs. XIII-XV]
© Documento cedido pelo AMGv (Selos Avulsos, nº 2).

4. Selos das Dignidades

Os selos que já analisámos pertenciam a personalidades dotadas de poder próprio ou a entidades colectivas. Será que os selos das dignidades, que

¹⁴¹ Vid. *supra*, nota 108.

abordaremos em seguida, e para concluir, espelham também o seu cargo, e podem, portanto, ser considerados como símbolos e representações do seu poder enquanto dignitários da Sé, ou, pelo contrário são meramente pessoais?

Em primeiro lugar, renovamos a ressalva que dispomos ainda de um levantamento incompleto a este respeito, o que é importante salientar dado o elevadíssimo número de pessoas que ocuparam dignidades nas diversas catedrais nos séculos XII a XV. Importa, igualmente, podermos verificar se a mudança de estatuto, à medida que um clérigo ascendia na hierarquia capitular ou era provido noutra catedral, acarretou alterações nos selos utilizados, para além da actualização indispensável da legenda, que devia identificar correctamente o nome e a função ou cargo exercidos pelo seu titular.

Em França, de acordo com Auguste Coulon¹⁴², existiam tipos de selos próprios para cada dignidade. O arcebispo, por exemplo, era geralmente representado de pé, com um livro fechado numa ou nas duas mãos, ou então empunhando uma vara que simbolizava a sua autoridade e o direito de corrigir que dela derivava. O deão, em pé também, e igualmente com um livro, não era fácil de distinguir de outros eclesiásticos, a não ser pela legenda do selo. O tesoureiro tinha como atributo as chaves, colocadas na mão ou ao seu lado, podendo estar também representado na matriz o tesouro ou o armário onde este era guardado. O chantre aparecia frequentemente de perfil, com um bastão terminando em forma arredondada, podendo ter um livro diante de si, colocado num púlpito ou nas mãos de um acólito¹⁴³. Sobre os mestres-escola, Coulon nada diz, mas faz uma descrição muito interessante da imagética patente nas matrizes usadas pelos chanceleres, que eram representados com os selos que tinham à sua

¹⁴² COULON, Auguste – *Éléments de sigillographie ecclésiastique...*, 53-55.

¹⁴³ Vid. igualmente sobre os selos dos chantres CHASSEL, Jean-Luc – *Effigie et fonction: à propos des sceaux de chantres capitulaires au XIII^e siècle. Revue Française d'Héraldique et de Sigillographie*. 65 (1995) 163-165.

guarda. A dignidade de chanceler, porém, apenas existiu em Lisboa, numa fase inicial, por influência inglesa¹⁴⁴.

Comparando estas descrições com a realidade patente nos diversos exemplos que já conhecemos de selos de dignidades das nossas catedrais, podemos afirmar que a diferença é total. Não encontramos, de facto, a não ser num único caso, selos de um cargo, mas sim selos pessoais.

4.1 Selos dos Deões

Os selos de treze deões até agora inventariados, datados de 1210 até meados do século XV (três de Lisboa, dois do Porto, Coimbra, Viseu e Évora, e um de Braga e Lamego, respectivamente), mostram-nos como estes dignitários capitulares escolheram para as suas representações sigilares programas iconográficos completamente diferentes. A título de exemplo, vejam-se os selos pertencentes aos deões da canónica lisboeta Egas Lourenço Magro (1304)¹⁴⁵, Dinis Eanes (1370) e João Gonçalves (1458): os dois primeiros recorreram aos motivos de devoção vicentina, identificadores dessa catedral; o último, porém, seguindo a tendência quatrocentista, já tinha um selo totalmente heráldico (Fig. 17)¹⁴⁶. As matrizes dos deões do Porto mestre Vicente (1260)¹⁴⁷ e mestre

¹⁴⁴ Vid. FARELO, Mário – *O cabido da Sé de Lisboa e os seus cônegos: 1277-1377*. Vol. 1. Lisboa: FLUL, 2003, p. 14-16 (tese de mestrado policopiada).

¹⁴⁵ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 22, nº 960, de 10 de Outubro de 1304; publicado e estudado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 112-113. Atente-se ao facto de que TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 269 apresenta um exemplar deste selo como se pertencesse ao cabido da Sé de Lisboa. Egas Lourenço Magro foi deão de Lisboa de 1296 a 1338, como nos dizem FARELO, Mário – *O Cabido da Sé de Lisboa...* Vol. 2, p. 31-39 e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 166-168.

¹⁴⁶ ANTT, Colegiada de Santo Estêvão de Alfama, M. 6, nº 118 e M. 9, nº 175, de 30 de Julho de 1370 (selo do deão Dinis Eanes) e de 10 de Fevereiro de 1458 (selo do deão João Gonçalves); ambos são apresentados por TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 403 e 463, respectivamente, porém o primeiro com a cota incompleta e o segundo com a data errada.

¹⁴⁷ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 16, nº 25, de Março de 1260; selo descrito e reproduzido por SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 167-168.



Fig. 17 – Selos do deão da Sé de Évora, Fernando (1210), da Sé de Coimbra, Fernando Soares (1292), da Sé do Porto, mestre Vicente (1260) e da Sé de Lisboa, Egas Lourenço Magro (1304) e João Gonçalves (1458) © Documentos cedidos pelo ANTT (Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 1, nº 40; Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 86, nº 3989; Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 16, nº 25; Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 22, nº 960); TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 463.

João Soares (1278)¹⁴⁸ apresentam uma divisão do campo em partes distintas. No primeiro caso, o plano superior é ocupado pela representação da Virgem com o Menino e o inferior com o que nos parece ser a imagem do próprio sigilante, sentado, a escrever ou a ler. Esta figuração corresponde, em parte, à enunciada por Coulon como sendo própria dos deões, visto mostrá-lo com um livro, mas o clérigo representado não se encontra de pé, ao contrário do modelo proposto por este autor. O selo de mestre João Soares é mais complexo: organizado em três planos, o superior é ocupado com a representação da Virgem com o Menino e o central com a cena da decapitação de um santo que o estado fragmentado deste exemplar não nos permite identificar, tal como sucede também com a leitura do plano inferior. Finalmente, destacamos o selo do deão de Évora Fernando (1210), o mais antigo que conhecemos de um membro de um cabido catedralício, que fez gravar no campo o símbolo mariano da flor-de-lis (Fig. 17)¹⁴⁹; e o de Fernão Soares, deão de Coimbra (1292)¹⁵⁰, que parece ter sido impresso a partir de uma matriz pouco conseguida, dando origem a uma formulação iconográfica algo desorganizada em que coexistem quatro elementos: a Virgem no topo; no plano intermédio, um castelo à direita e, à esquerda, o escudo veirado ou com faixas ondatadas que tudo indica ser da própria Sé de Coimbra¹⁵¹; finalmente, em baixo, uma figura humana, talvez o sigilante, cuja representação se compreende mal, dado o estado de conservação em que este espécime se encontra (Fig. 17).

¹⁴⁸ O selo deste deão foi já mencionado, a propósito do contra-selo que apresenta; a sua cota e data completa encontram-se *supra*, nota 91.

¹⁴⁹ ANTT, Most. S. Vicente de Fora, 1ª inc., M. 1, nº 40, de Agosto de 1210. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 84, descreve este selo atribuindo-o, no entanto, ao bispo de Évora D. Soeiro, e dando a data errada. Sobre a simbologia da flor-de-lis, vid. *supra*, nota 128.

¹⁵⁰ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 86, nº 3989, de 14 de Dezembro de 1292; selo publicado e parcialmente analisado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* Sobre Fernão Soares e o seu deado, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 216.

¹⁵¹ Vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 114, nota 69.

4.2 Selos dos Chantres

No que toca aos chantres, as seis representações que encontrámos nos selos provenientes das nossas catedrais, datados entre 1252 e 1315, também nada têm a ver com o modelo descrito para França e difundido nos demais reinos europeus. Os exemplos conhecidos dos chantres de Coimbra, Porto, Viseu, Lamego e Évora mostram-nos dois tipos sigilográficos diferenciados (Fig. 18). O tipo emblemático encontra-se bem patente no símbolo mariano da flor-de-lis que ocupa o campo do selo de Pedro Rodrigues, chantre de Coimbra (1252)¹⁵²; no pelicano em piedade, símbolo da Paixão de Cristo e da eucaristia, do selo de Mem Peres, chantre de Viseu (1263)¹⁵³; no *Agnus Dei*, símbolo de Cristo imolado e ressuscitado, do selo de mestre Vicente Domingues, chantre do Porto (1297)¹⁵⁴; e na figuração da cruz do selo, de formato losangular, do chantre do Porto Gonçalo Gonçalves (1260)¹⁵⁵. O outro tipo é o hagiográfico, patente na Virgem

¹⁵² ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 15, nº 8, de 19 de Março de 1252 e Most. Santa Cruz de Coimbra, 1ª inc., M. 19, nº 10, de 22 de Março de 1252; a primeira impressão está publicada em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* Na parte inferior deste selo vê-se uma ave, que TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 175-176, indica ser muito comum nos selos de chantres, sem explicar porquê nem onde se apoia para fazer tal afirmação. Sobre Pedro Rodrigues, que antes fora tesoureiro na Sé de Coimbra, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 221 e 229.

¹⁵³ ANTT, Sé de Viseu, D.P., M. 8, nº 39, de 23 de Junho de 1263. Sobre o significado do pelicano místico na iconografia cristã e a sua frequente utilização na iconografia sigilar do clero, vid. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos...*, p. 516-517; SUCHAUX, Gaston Duchet; PASTOUREAU, Michel – *Le bestiaire médiéval...*, p. 106-108; e CORDONNIER, Rémy – «Interpicturalité» des bestiaires manuscrits et de l'iconographie sigillaire: résultats d'une première enquête. In *POURQUOI les sceaux?...*, p. 491-494.

¹⁵⁴ ANTT, Most. S. Salvador de Moreira, M. 9, nº 51, de Agosto de 1297, publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...*; e SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 168-169.

¹⁵⁵ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 16, nº 25, de Março de 1260; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* e SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral...*, p. 168 (a autora indica a cronologia do chantrado no cabido do Porto deste eclesiástico na p. 317). TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 125, interpreta erradamente as bolotas que pendem das extremidades superiores do losango como pássaros toscamente gravados (assim associando, de novo, as aves a um selo de chantre). Também sobre Gonçalo Gonçalves, que veio anos mais tarde a acumular o chantrado do Porto com o de Coimbra, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 221.



Fig. 18 – Selos do chancre da Sé de Coimbra, Pedro Rodrigues (1252), dos chantres da Sé do Porto, Gonçalo Gonçalves (1260) e mestre Vicente Domingues (1297), da Sé de Lamego, Francisco Domingues (1310), e da Sé de Évora, João Martins (1315) © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 15, nº 8; Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 16, nº 25; Most. S. Salvador de Moreira, M. 9, nº 51; Most. Arouca, Gav. 2, M. 3, nº 2; e Gavetas, 12, M. 5, nº 1).

que ocupa o plano principal dos selos de Francisco Domingues, chantre de Lamego (1310)¹⁵⁶ e de João Martins, chantre de Évora (1315)¹⁵⁷. Em complemento destes elementos iconográficos, as matrizes de mestre Vicente do Porto e de Francisco Domingues de Lamego incluem no plano inferior, como importante inovação no que toca à afirmação emblemática da identidade dos seus possuidores, um escudo de armas, que ainda não aparece no selo de João Martins de Évora, surgindo em seu lugar a figuração, mais comum à época, do sigilante ajoelhado em oração.

4.3 Selos dos Tesoureiros

De tesoureiros são também poucos os exemplos de que dispomos. Até ao momento apenas conhecemos seis selos, referentes ao período cronológico entre 1229 e 1459 e relativos a tesoureiros dos cabidos das Sés de Coimbra, Viseu, Lamego e Porto. Dois dos mais antigos, o de João Domingues e o de João Martins, de Coimbra (1244 e 1251)¹⁵⁸, seguem respectivamente uma tipologia

¹⁵⁶ ANTT, Most. Arouca, Gav. 2, M. 3, nº 2, de 30 de Maio de 1310, publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 389, grav. 5. Nesta mesma obra, pode-se ver o percurso deste eclesiástico, nas p. 138-140 e 217-221.

¹⁵⁷ ANTT, Gavetas, Gav. 12, M. 5, nº 1, de 1 de Outubro de [1315]. TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – *O estudo da sigilografia...*, nº 343 descreve este selo atribuindo-lhe, sem justificação, a data crítica de 1 de Outubro de [1314-1319], errada desde logo atendendo ao facto de nesse documento surgir a subscrição e o selo do bispo de Coimbra D. Estêvão Eanes Brochardo, falecido a 9 de Setembro de 1318 (vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 172). É possível, porém, estabelecer uma data crítica muito mais precisa, pois a 10 de Outubro de 1315 encerrou o processo de demanda entre o rei D. Dinis e a sobrinha D. Isabel Afonso sobre o senhorio das vilas de Sintra, Ourém e Armamar em que se inclui esta sentença, e que foi subscrito e selado pelos mesmos intervenientes e juízes; vid. *O Livro das Lezírias d'El-rei Dom Dinis*. Ed. Bernardo de Sá NOGUEIRA. Lisboa: Centro de História, 2003, p. 201-219. Este documento deverá, pois, ter sido lavrado nesse mesmo ano de 1315, o que corrige e amplia, por sua vez, a cronologia e o percurso não só do chantre João Martins, mas também do cônego João Peres de Évora apresentados por VILAR, Hermínia Vasconcelos – *As dimensões de um poder...*, p. 148, 325-326 e 373.

¹⁵⁸ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 13, nº 38, de 30 de Junho de 1244; e ANTT, Colegiada de S. João de Almedina de Coimbra, M. 6, nº 15, de Junho de 1251, publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* Sobre os tesoureiros João Domingues, que veio mais tarde a ser dominicano, e João Martins, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 229-230.

hagiográfica mariana e emblemática. O primeiro apresenta um busto de Nossa Senhora com o Menino no plano superior e o desenho de um elemento arquitectónico mais abaixo, sem se perceber o que se representava neste plano inferior; o segundo exhibe um leão rampante em todo o espaço do campo, que poderá ser interpretado para esta cronologia como um sinal para-heráldico (Fig. 19). O selo de mestre Gonçalo de Viseu (1315), de que nos chegou apenas um fragmento muito delido, parece replicar a opção frequente pela iconografia devocional mariana, com a representação da Virgem e do Menino¹⁵⁹. Já as matrizes escolhidas por Vasco Eanes de Lamego (1360) e João Álvares do Porto, esta bem mais tardia (1459), destacam-se pela particularidade dos seus formatos. A do tesoureiro de Lamego em triângulo lobado, tem o campo preenchido por uma composição emblemática para-heráldica com uma árvore, ladeada por duas flores-de-lis (Fig. 19)¹⁶⁰; e na do tesoureiro do Porto, de forma circular, o campo é talvez composto pelo escudo de armas deste dignitário, seguindo o modelo totalmente heráldico que se impôs durante o século XV¹⁶¹.

Como é fácil inferir, todos estes espécimes são também selos pessoais, e não relacionados com o cargo desempenhado pelos seus titulares. Mas, nas primeiras décadas do século XIII, um outro tesoureiro de Coimbra, o mesmo Pedro Rodrigues que veio a ser chantre desta catedral e cuja matriz flor-de-lisada já referimos (Fig. 18), tinha um selo, por sinal o mais antigo que até agora se conhece para esta dignidade, que corresponde ao modelo proposto por

¹⁵⁹ ADVIS, Pergaminhos, M. 29, n.º 55, de 23 de Agosto de 1315.

¹⁶⁰ ANTT, Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, D.E., M. 3, n.º 29A, de 5 de Outubro de 1360; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux... TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e – O estudo da sigilografia...*, n.º 394 viu erradamente, em lugar da árvore representada ao centro, uma vieira posta em pala sobre uma composição monogramática. Sobre este tesoureiro, vid. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego...*, p. 247-249.

¹⁶¹ ANTT, Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, D.E., M. 5, n.º 8, de 28 de Fevereiro de 1459. Sendo esta a única impressão conhecida e estando ela coberta por um pedaço de obreia, não nos é possível aferir com exactidão a iconografia presente na gravação, que cremos corresponder a um escudo de armas.



Fig. 19 – Selo do tesoureiro da Sé de Coimbra, João Martins (1251), e do tesoureiro da Sé de Lamego, Vasco Eanes (1360) © Documentos cedidos pelo ANTT (Colegiada de S. João de Almedina, M. 6, nº 15; Colegiada de Sta. Maria de Guimarães, D.E., M. 3, nº 29A).

Auguste Coulon, em dupla ogiva, representando o eclesiástico com chaves na mão direita¹⁶². Apesar de não ter sido essa a regra, este exemplo inicial do tesoureiro da Sé de Coimbra permite-nos saber que, entre nós, não foi totalmente desconhecida a formulação iconográfica sigilar usada além-Pirenéus ligada ao desempenho de um cargo.

4.4 Selos dos Mestres-Escola

No que toca aos mestres-escola, dos seis selos até agora reunidos, com datas compreendidas entre 1248 e 1464, a emblemática mariana foi uma vez mais a opção dominante. Assim aconteceu no selo usado por Pedro Martins (1248), mestre-escola da canónica conimbricense durante longas décadas, de 1229 a

¹⁶² ANTT, Colegiada de S. João de Almedina de Coimbra, M. 6, nº 10, de [1229]. Sobre Pedro Rodrigues, vid. *supra*, nota 152.

1281¹⁶³, que apresenta no campo um lírio ladeado por duas aves afrontadas, símbolos do amor puro e virginal e intimamente ligado ao episódio da Anunciação¹⁶⁴; no selo que pertenceu a mestre Mateus de Lisboa, de meados do século XIII, em cujo campo surge Nossa Senhora com o Menino no colo¹⁶⁵; no selo do mestre-escola de Lamego João Martins (1459), composto por uma árvore encimada por uma ave ladeada por um crescente de lua e uma estrela, conhecidos atributos iconográficos de Nossa Senhora¹⁶⁶; e no selo do primeiro mestre-escola de Viseu, Bartolomeu Fernandes (1464), que apesar de tardio replica, numa matriz de execução muito pouco cuidada, a figuração hagiográfica gótica mariana comum no século XIV, com a Virgem sentada no trono com o Menino ao colo, dentro de um nicho, secundada no plano inferior do campo pelo sigilante em oração¹⁶⁷.

Outros dois selos, onde a heráldica, como já era então comum, constitui o elemento identitário central, pertencentes aos mestres-escola Pedro Cavaleiro de Lisboa (1373)¹⁶⁸ e Mem Martins de Coimbra (1427)¹⁶⁹ (Fig. 20), não esquecem, no entanto, a representação da Virgem. A sua imagem coroadada, com o Menino ao colo, encima o escudo de armas do dignitário conimbricense. Esta está também

¹⁶³ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 2, nº 54, de 30 de Setembro de 1248. Sobre este mestre-escola, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 225-226.

¹⁶⁴ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos...*, p. 413; e ZUFFI, Stefano – *Episodi e personaggi del Vangelo*. Milano: Electa, 2002, p. 54-61.

¹⁶⁵ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 86, nº 4013, de [1248-1258].

¹⁶⁶ ANTT, Sé de Lamego, Prazos, M. 11, nº 33, de 17 de Janeiro de 1459.

¹⁶⁷ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 94, nº 4561, de 21 de Maio de 1464.

¹⁶⁸ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 90, nº 4316, de 27 de Junho de 1373; reproduzido por SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 112-113. Sobre este clérigo de origem francesa que deteve numerosos benefícios em Portugal, onde foi nuncio e colector apostólico, e veio a ser bispo de Silves, vid. FARELO, Mário – *O cabido da Sé de Lisboa...* Vol. 2, p. 108-115 e *Les clerics étrangers au Portugal durant la période de la papauté avignonnaise: un aperçu préliminaire*. *Lusitania Sacra*. 22 (2010) 138, assim como MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *L'épiscopat étranger au Portugal pendant la période avignonnaise* [trabalho inédito, apresentado no seminário internacional *La papauté d'Avignon et les royaumes de la chrétienté occidentale*, realizado no LAMOP, Paris, em Setembro de 2011].

¹⁶⁹ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M 39, nº 1655, de 11 de Junho de 1427; selo reproduzido por SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...*

presente no topo da matriz de Pedro Cavaleiro, sobre a figuração vicentina que mais uma vez não deixa de marcar presença na iconografia devocional dos selos dos membros ligados ao cabido da Sé de Lisboa.

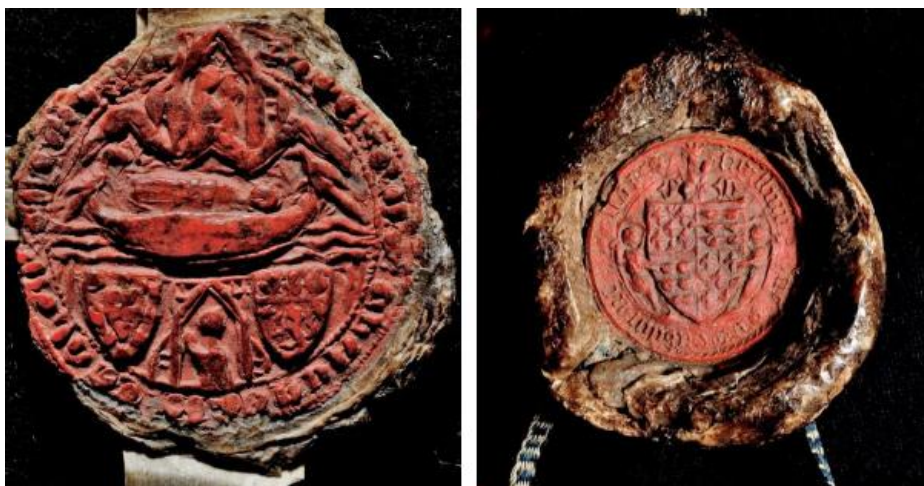


Fig. 20 – Selos dos mestres-escola da Sé de Lisboa, Pedro Cavaleiro (1373), e da Sé de Coimbra, Mem Martins (1427) © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 90, nº 4316; M. 39, nº 1655).

4.5 Selos dos Arcediagos

Resta-nos mencionar os espécimes sigilares usados pelos arcediagos. Os poucos exemplos até agora conhecidos chegam-nos de Coimbra, Viseu, Lisboa e Porto, desde o início do segundo quartel do século XIII até meados do século XV. No seu conjunto, reiteram a tendência para a utilização de selos pessoais sem qualquer relação com o exercício do cargo, bem como a vincada devoção mariana dos clérigos das nossas catedrais.

O exemplar mais antigo, provavelmente de 1229, pertenceu a João *Sendini*, arcediago da Sé de Coimbra, e apresenta no campo uma flor-de-lis¹⁷⁰. Este como outros símbolos relacionados com ao culto da Virgem estão igualmente presentes

¹⁷⁰ ANTT, Colegiada de S. João de Almedina de Coimbra, M. 6, nº 10, de [1229]. Sobre João *Sendini*, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 239.

nos programas iconográficos selos dos arcediagos do Vouga, também da diocese coimbrã, como se verifica na matriz usada por João António (1298), que apresenta um lírio estilizado com uma estrela de oito pontas e um crescente de lua no seu interior¹⁷¹ (Fig. 21); e no selo quadrilobado de Estêvão Gomes (1307), onde sobressai a imagem de Nossa Senhora com o Menino no plano superior, a que se associa, no inferior, a figura do sigilante em oração, ladeado por uma serpente ou dragão à esquerda, um leão à direita e em baixo uma cabeça feminina coroada, que nos fazem relacionar o seu selo com a heráldica do concelho de Coimbra¹⁷² (Fig. 21). Encontramos ainda a Virgem, secundada pela figura do clérigo em oração, nos selos góticos de tipo hagiográfico dos arcediagos de Viseu Lourenço Esteves (1282)¹⁷³ e Pedro Sánchez de Montalbán (1328)¹⁷⁴.

Contrariando esta regra do protagonismo dado a Nossa Senhora no quadro identitário e devocional dos clérigos das nossas catedrais medievais, registamos três exceções de particular interesse, dada a iconografia escolhida, também de carácter exclusivamente religioso, mas denunciadora de uma espiritualidade mais personalizada e de uma narrativa teológica mais metaforizada. Um deles é o selo do célebre mestre João de Deus, arcediago de Lisboa (1260), que apresenta uma

¹⁷¹ ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 2, nº 103, de 13 de Março de 1298. Acerca deste clérigo, que foi reitor da igreja de S. Salvador de Maiorca (dioc. Coimbra) antes de ascender à dignidade arquiidiaconal, que ocupou entre 1287 e 1298, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 241.

¹⁷² ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., M. 61, nº 2273, de 18 de Janeiro de 1307; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* Sobre Estêvão Gomes, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 241; acerca das armas municipais de Coimbra, veja-se, como síntese mais actualizada, o que escreve GOMES, Saul António – Ideologia e representação nas práticas das chancelarias concelhias medievais portuguesas. In *O PODER local em tempo de globalização: uma história e um futuro*. Coord. Fernando Taveira da FONSECA. Viseu: Palimage, 2005, p. 469-471.

¹⁷³ ANTT, Gaveta 3, M. 7, nº 5, de 12 de Fevereiro de 1282. Sobre o perfil e o percurso eclesiásticos de Lourenço Esteves nas catedrais de Viseu e Coimbra, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A clergyman's career in late medieval Portugal: a prosopographical approach*. *Medieval Prosopography: History and Collective Biography*. 25 (2004) 114-144.

¹⁷⁴ AHN, Sigil-Sellos, C. 88, nº 1, de 28 de Julho de 1328; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica...*, p. 102-103 e p. 95, nota 11.



Fig. 21 – Selos do arcediogo da Sé de Lisboa, mestre João de Deus (1260), do arcediogo de Penela e dos arcediagos do Vouga da Sé de Coimbra, João Vicente (1288), João António (1298) e Estêvão Gomes (1307) © Documentos cedidos pelo ANTT (Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 16, nº 34; M. 18, nº 4; 2ª inc., M. 2, nº 103; M. 61, nº 2273).

água com um peixe nas garras, símbolo do evangelista S. João, homónimo do sigilante, que sobreviveu em Patmos alimentado pelos víveres que a ave lhe trazia¹⁷⁵ (Fig. 21). Outro exemplo pertence a João Vicente, arcebispo de Penela, da diocese de Coimbra (1288)¹⁷⁶, cuja imagem sigilar mostra é composta por uma pomba segurando no bico um ramo de oliveira, símbolos universais da paz, através dos quais, segundo o Livro do Génesis, foi anunciado a Noé o fim do Dilúvio (Fig. 21). Nesta matriz, a pomba foi gravada em cima de uma árvore, decerto também uma oliveira, representativa do Paraíso dos eleitos e símbolo dos bem-aventurados, o que configura nesta composição alegórica um claro testemunho individual de fé na paz de Deus e na esperança da Ressurreição¹⁷⁷. Mencione-se, por fim, o selo gótico quatrocentista de Rui Dias, arcebispo da Régua, da diocese do Porto (1467)¹⁷⁸, onde o campo é organizado segundo a já tradicional hierarquização de planos, com o espaço central dedicado à representação do episódio matricial da hagiografia de S. Martinho de Tours, em que este corta com a espada o seu manto de cavaleiro e o divide com um mendigo, aqui intencionalmente inscrito como exemplo narrativo da conversão pela prática da caridade cristã e marca de identidade do nível teológico do sigilante¹⁷⁹.

¹⁷⁵ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 16, nº 34, de Julho de 1260; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* Sobre este famoso canonista, vid. COSTA, António Domingues de Sousa – *Um mestre português em Bolonha no século XIII, João de Deus: vida e obra*. Braga: Ed. Franciscana, 1957.

¹⁷⁶ ANTT, Sé de Coimbra, 1ª inc., M. 18, nº 4, de Abril de 1288; publicado em SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SEIXAS, Miguel Metelo de – *L'héraldique dans les sceaux...* Sobre a figura deste clérigo, vid. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *A Sé de Coimbra...*, p. 240.

¹⁷⁷ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos...*, p. 486-487 e 533.

¹⁷⁸ ANTT, Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, D.E., M. 5, nº 26, de 8 de Outubro de 1467.

¹⁷⁹ DAUZET, Dominique-Marie – Martin de Tours. In *DICTIONNAIRE des miracles et de l'extraordinaire chrétiens*. Dir. Patrick SBALCHIERO. Paris: Fayard, 2002, p. 512-513.

Conclusão

Estudámos um conjunto de selos do mundo das catedrais portuguesas, usados por bispos e arcebispos, cabidos, cúrias episcopais e dignidades, em busca de elementos simbólicos e representativos do poder exercido pela pessoa ou entidade que os utilizou. Encontrámos neles essas características, com a excepção significativa das dignidades capitulares, que escolheram, de um modo geral, e tanto quanto podemos afirmar no actual estado dos conhecimentos, representações sigilares pessoais da sua autoridade e da sua individualidade, dissociadas do cargo que desempenhavam nos respectivos cabidos catedralícios. Em todos os outros selos, no entanto, as formulações iconográficas relacionadas com o poder detido pelos sigilantes estão presentes.

Encontramo-las claramente nos selos dos prelados, sempre representados com os atributos identificativos da sua autoridade espiritual e temporal, que os tornavam reconhecíveis por todos, e expressa também nos selos da audiência, que se socorreram desses mesmos símbolos do poder para constituir a imagética das suas matrizes sigilares, dando a conhecer, sem margem para dúvida, a entidade da qual dependiam: o bispo. A única excepção é o selo da cúria de Braga, que não utiliza os atributos da autoridade arquiépiscopal, mas a representação da própria Virgem, padroeira desta que é também a mais antiga catedral portuguesa.

Nos selos dos cabidos, a simbologia do poder está também presente, dado que recorreram, quase sempre, à figuração do santo titular da respectiva catedral, seu protector e patrono, que dava o nome à Sé e em função do qual o grupo canonical existia e em cujo louvor celebrava, a cada dia, os officios litúrgicos. Quando assim não fizeram, como sucedeu nos casos do Porto e de Évora, escolheram outras representações de tipo devocional que, no imaginário de quem as via, fariam igualmente a ligação entre o selo e a instituição capitular.

Imagens representativas, metafóricas e até substitutivas dos sigilantes, os selos do mundo do clero das catedrais portuguesas constituem, pois, como ficou demonstrado, muito mais do que um mero processo jurídico de validação documental. São, também, e pela sua própria natureza, objectos identificadores de uma cultura visual complexa, símbolos e representações do poder de cada uma das instâncias desse universo eclesiástico e social. São, sem margem para dúvida, fontes iconográficas de primeira importância, que como tal devem ser estudadas, em ordem a permitir uma melhor compreensão do modo como o clero secular se via a si próprio e como a identidade das suas funções e dos seus membros nas suas múltiplas vertentes se foi forjando e percebendo, ao longo dos séculos medievais.



Catedral y liturgia medievales. La definición funcional del espacio y sus usos

Eduardo CARRERO SANTAMARÍA

La arquitectura de la catedral respondió a unos usos específicos que variaron durante los siglos. Entre estas funciones, la liturgia es uno de los más importantes. Este artículo trata de los problemas de interpretación de la arquitectura catedralicia, de su empleo para objetivos litúrgicos y de la forma en la que esto se llevó a cabo: en épocas diferentes, funciones diferentes, que supusieron modificaciones en la arquitectura y en sus instalaciones litúrgicas a lo largo del tiempo. Asimismo son subrayados los problemas que tiene el análisis de la arquitectura desde una perspectiva litúrgica, básicamente desde la historia del arte, debido a las dificultades de comprensión que el fenómeno litúrgico tiene desde nuestra óptica contemporánea. Si durante más de una década el factor litúrgico es otra perspectiva más para acercarse a la obra de arte, también hemos cometido excesos en su empleo como una excusa por la industria editorial. El texto refleja la bibliografía más reciente y un relatorio de fuentes históricas que permiten un acercamiento a la interpretación funcional de la arquitectura de la catedral, con la referencia particular a la Península Ibérica.

Palabras clave: Catedrales; Arquitectura; Liturgia; Reinos Ibéricos; Historiografía.

Cathedral architecture responded to specific uses that varied over the centuries. Among these, the liturgy is one of the most important. This paper deals with problems of interpretation of cathedral architecture, its use for liturgical purposes and its timing: different times, different uses, which supposed modifications in the architecture and its liturgical installations. Similarly, the troubles that the analysis of architecture has from a liturgical point of view for the history of art are underlined

due to understanding difficulties that the liturgical phenomenon has over time. There is also a reflection on the problem posed by fashions in historic and artistic studies. If, for more than a decade, the liturgical factor is another element to approach the work of art, excesses have also been committed in the use of the liturgical phenomenon as an excuse for the publishing industry. This text reflects the most recent bibliography and a directory of historical sources allowing a functional interpretation of cathedral architecture, with particular reference to the Iberian Peninsula.

Keywords: Cathedrals; Architecture; Liturgy; Iberian Kingdoms; Historiography.

Espaço religioso e transformação. A fundação de capelas na época gótica

Lúcia Maria Cardoso ROSAS

A construção de capelas e/ou espaços funerários nas catedrais portuguesas corresponde a um fenómeno que conheceu um notável incremento na época gótica. Decorrendo de motivações devocionais e simbólicas, e da vontade artística dos seus fundadores, a edificação de capelas e respectivos altares e a encomenda de arcos ou de lápides sepulcrais transformaram os templos e os espaços a eles contíguos. Considerada a investigação sobre a fundação de capelas fúnebres realizada no âmbito da historiografia medieval nos últimos vinte anos, parece-nos que é o momento de serem revistas algumas ideias sobre as práticas e locais de tumulação assim como a cronologia deste fenómeno.

Palavras-chave: Capelas funerárias; Locais de tumulação; Catedrais; Época gótica; Portugal.

The construction of chapels and other funerary spaces in Portuguese cathedrals represents a phenomenon which experienced a remarkable increase in the Gothic period. Deriving from devotional and symbolic motivations and from the artistic will of its founders, the erection of chapels and respective altars and the order of tombs or gravestones transformed the temples and the spaces adjacent to them. With regard to the research on the foundation of funeral chapels conducted in the framework of medieval historiography in the last twenty years, we believe it is now time to review

some ideas about the practices and places of entombment, as well as the chronology of this phenomenon.

Keywords: Funerary chapels; Entombment places; Cathedrals; Gothic period; Portugal.

Liturgia bracarense. Origens, fontes, posteridade

Manuel Pedro FERREIRA

Este texto constitui uma síntese sobre a natureza, as origens e os principais testemunhos históricos do rito bracarense. A conclusão a que chegou António Pereira de Figueiredo em 1770 – de que Braga adoptou no tempo do arcebispo S. Geraldo um rito franco-romano marcado pelos costumes litúrgicos beneditinos, incluindo os de Cluny – é revisitada à luz da investigação posterior. O papel de S. Geraldo é reavaliado a partir de secções do Gradual e do Antifonário. São seguidamente apresentados os principais textos que discorrem sobre a prática litúrgica bracarense: o cerimonial quatrocentista do Breviário “de Valasco” (redescoberto pelo autor), o Regimento do Coro de 1506, a Arte de rezar as horas canónicas de 1521 e o Cerimonial da Missa de 1548. Em conclusão, identificam-se as adições ao costume de Braga nos séculos XV-XVI que mais tempo se conservaram na prática litúrgica, modelando de forma decisiva o culto mariano e as cerimónias da Semana Santa.

Palavras-chave: Rito; Liturgia; Breviário; Braga; Cluny.

This paper consists of a synthesis on the nature, the origins and the main historical witnesses of the Rite of Braga. In 1770 António Pereira de Figueiredo came to the conclusion that, under Archbishop St. Gerald, Braga had adopted a Franco-Roman Rite heavily influenced by Benedictine liturgical customs (including those of Cluny). His conclusion is discussed taking into account later contributions to the debate. The role of St. Gerald is re-evaluated on the basis of the local Gradual and Antiphoner. The most significant texts on Braga liturgical practice are then presented: the 15th-century Ceremonial included in the “Valasco Breviary” (rediscovered by the author), the Choir Regiment of 1506, the *Arte de rezar as horas canonicas* of 1521 and the *Cerimonial da Missa* of 1548. In conclusion, the 15th- and 16th-century additions to the

Braga custom that survived longer in liturgical practice (shaping the Marian cult and the Holy Week ceremonial) are identified.

Keywords: Rite; Liturgy; Breviary; Braga; Cluny.

Les peignes liturgiques. Des objets ecclésiastiques au service de la théologie du rituel

Eric PALAZZO

La présente contribution explore quelques aspects de l'activation d'un type d'objet liturgique particulier : les peignes liturgiques. Au-delà de leur fonctions strictement pratiques et utilitaires, les peignes liturgiques présentent aussi une importante signification théologique en relation directe avec leur usage liturgique durant le rituel, ou, plus précisément, quand ils sont utilisés juste avant la célébration pour mettre de l'ordre dans la chevelure du célébrant. En considérant deux textes essentiels pour la compréhension des peignes liturgiques, le premier, provenant de l'époque carolingienne et écrit par Loup de Ferrières et, le second, écrit au XI^e siècle par Yves de Chartres, j'essaie de comprendre la signification symbolique essentielle des peignes liturgiques en relation avec la théologie de l'Église et de comprendre la façon dont ils étaient activés durant le rite et ce qu'ils activaient. Quelques mots sont dits également au sujet des choix iconographiques opérés pour la décoration des peignes liturgiques, toujours en relation avec leur activation rituelle.

Mots-clés: Liturgie; Peignes liturgiques; Cinq sens; Iconographie; Théologie.

The present contribution explores some aspects of the activation of a particular type of liturgical object: liturgical combs. Beyond their strictly practical and utilitarian functions, liturgical combs also present an important theological meaning in direct relation with their use within the framework of the performance of the liturgical rite, or more exactly when they are used just before the celebration to put order in the celebrant's hair. Considering two essential texts for the understanding of liturgical combs – one from the Carolingian period and attributed to Lupus of Ferrières, and another one written in the 11th century by Yves of Chartres, we try to understand the essential symbolic meaning of liturgical combs, in connection with the theology of the Church, and to understand how they were activated in the rite and, on the other side, what they activated. We also speak about the role of iconographic choices

operated to decorate liturgical combs, always in connection with their ritual activation.

Keywords: Liturgy; Liturgical combs; Five senses; Iconography; Theology.

A Sé do Porto e as intervenções da DGEMN (1929-1982)

Maria Leonor BOTELHO

Pretendemos dar a conhecer, de forma sucinta, o resultado das intervenções da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) na Sé do Porto, feitas entre 1929 – ano da criação da DGEMN – e 1982 – ano da criação do Instituto Português do Património Cultural, ao qual passou a estar afecto este monumento. Pudemos, assim, constatar que na origem das transformações sentidas na catedral portuense esteve todo um vasto conjunto de intervenções com vista à sua reabilitação arquitectónica. Estas intervenções apresentaram duas naturezas distintas, decorrentes das teorias e conceitos aplicados nas acções desenvolvidas pela DGEMN, reflexo das mudanças verificadas ao nível do ambiente cultural em torno da consciencialização da salvaguarda do Património Edificado. Assim, e sensivelmente até 1946, seguiu-se uma linha mais próxima da reintegração estilística, concretizada num *restauro*, deveras transformador da fisionomia do próprio monumento. Após esta data, optou-se por seguir uma acção pautada pelos princípios da *conservação*, ou seja, da manutenção do monumento no estado em que este foi encontrado.

Palavras-chave: Sé do Porto; DGEMN; Restauro; Conservação.

We intend to succinctly make known the result of the interventions of the Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) in Porto's Cathedral. These were made between 1929 – year of creation of the DGEMN – and 1982 – year of creation of the Instituto Português do Património Cultural, under which responsibility this monument was put. In the origin of the transformations were a vast number of interventions with the purpose of architectonic rehabilitation of the Cathedral's complex. These interventions had two distinct natures arising from theories and concepts applied in the action taken by the DGEMN, a reflex of the changes that occurred at the level of the cultural environment around the consciousness to safeguard Built Heritage. This way, and until about 1946, a course

close to stylistic reintegration was followed, realized in *restoration*, really transforming the monument's physiognomy. After this date, the main option was to follow an action regulated by the principles of *conservation*, in other words, maintaining the state in which the monument was found.

Keywords: Porto Cathedral; DGEMN; Restoration; Conservation.

Os *Monumentos Nacionais* e a Sé de Viseu: a construção de um desafio para o século XXI

Carlos Filipe ALVES

O presente trabalho pretende dar a conhecer as intervenções de restauro protagonizadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) na catedral de Viseu. Além das alterações físicas efectuadas no templo por este organismo governamental, pretendemos aferir os principais intervenientes no processo e demonstrar como as campanhas de restauro influenciaram a leitura que hoje em dia temos deste edifício. A Sé de Viseu entrou na esfera da DGEMN em 1930, aquando da descoberta de um portal que estabelecia a comunicação entre o adro da Sé e a Praça Camões. A partir desse momento a catedral sofreu um conjunto de remodelações arquitectónicas com vista à sua conservação, que se revelaram preponderantes para a descoberta de elementos artísticos até então desconhecidos, como foi o caso do claustro gótico. No entanto, o projecto de devolver a catedral viseense à sua pureza de estilo colidiu com a diversidade estilística da estrutura do edifício, inviabilizando a concretização desse objectivo. Na perspectiva da história da arte, as campanhas de restauro da DGEMN são fontes de estudo determinantes para aferirmos o estado de conservação do património português na primeira metade do século XX, mas também para conhecermos a sua evolução arquitectónica. Neste caso da Sé de Viseu, a variedade de estilos que a caracteriza inviabiliza uma leitura linear da história do edifício, sendo para isso importante recorrer a metodologias de análise inovadoras e trilhar novos desafios, como a arqueologia da arquitectura, no sentido de nos fornecer mais pistas sobre o passado deste tão enigmático quanto interpelante monumento nacional.

Palavras-chave: Sé de Viseu; DGEMN; Francisco de Almeida Moreira; Restauro; Arqueologia da Arquitectura.

This paper aims to present the restoration interventions carried out by the Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) at the Cathedral of Viseu. In addition to the physical changes made in the temple by this government agency, we intend to assess the key players in the process and demonstrate how the restoration campaigns influenced the current reading we make of this building. Viseu's Cathedral entered the sphere of the DGEMN in 1930, at the time of the discovery of a portal establishing communication between the churchyard of the Cathedral and Camões Square. From that time on the Cathedral has undergone a series of renovations for architectural preservation, which proved to be fundamental for the discovery of hitherto unknown artistic elements, as was the case of the Gothic cloister. However, the project of returning the cathedral to its purity of style clashed with the stylistic diversity of the building's structure, preventing the realization of this purpose. From the perspective of art history, DGEMN restoration campaigns are determining study sources to assess the state of conservation of Portuguese heritage in the first half of the 20th century, but also to know their architectural developments. In this case, the stylistic variety that characterizes Viseu's Cathedral precludes a linear reading of its architectural evolution. It is therefore important to resort to new methods of analysis and embrace new challenges, such as the archaeology of architecture in order to provide new clues about the past of this both enigmatic and challenging building.

Keywords: Viseu Cathedral; DGEMN; Francisco de Almeida Moreira; Restoration; Archaeology of Architecture.

O selo: símbolo de representação e de poder no mundo das catedrais portuguesas

Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO e Anísio Miguel de Sousa SARAIVA

Principal forma de autenticação documental utilizada na Idade Média, os selos constituíam também uma representação daqueles que os utilizavam e, como tal, são considerados como os seus próprios símbolos de identificação e afirmação. Largamente difundidos no mundo das catedrais, onde eram usados por bispos, cabidos, dignidades e cónegos, bem como pelas cúrias episcopais, os selos deste universo eclesiástico são o objecto do presente trabalho, que analisa e salienta essa sua dimensão simbólica e representativa, mostrando a importância primordial dos

selos enquanto elementos iconográficos que permitem compreender melhor o modo como o clero secular e as suas instituições se reconheciam a si próprios e ostentavam o seu poder, assim como o progressivo desenvolvimento da noção de identidade, não apenas de grupo, mas também pessoal, ao longo dos séculos medievais.

Palavras-chave: Sigilografia; Clero secular; Iconografia; Símbolo; Poder.

As the main form of authentication of charters used during the Middle Ages, seals were also a representation of those who owned them and as such are considered as symbols of identification and affirmation on their own. Widely spread in the world of cathedrals, they were used by bishops, chapters, dignitaries and canons, as well as the episcopal *curia*. The seals of this ecclesiastical universe are the subject of this paper, which analyzes and emphasizes its symbolic and representative dimension, showing the paramount importance of seals as iconographic elements that allow us to better understand how the secular clergy and their institutions recognized themselves and showed their power, as well as the progressive development of the notion of identity, not only of the group but also personal, over the medieval centuries.

Keywords: Sigillography; Secular clergy; Iconography; Symbol; Power.

Collégialité et transcendance du corps épiscopal. La cathédrale et la mémoire épigraphique des évêques en France au XIII^e siècle

Vincent DEBIAIS

Le fait graphique suppose l'existence d'un émetteur qui se pense et se manifeste comme tel dans l'acte d'écrire et de diffuser un message grâce à une production écrite, qu'elle soit documentaire, épistolaire ou épigraphique. Cette dernière catégorie, en accordant une dimension publique ou publicitaire au document ainsi généré, transforme l'émission du message en acte d'affirmation, individuelle ou collective; l'inscription exposée à la vue de tous, en milieu rural ou urbain, devient alors un signe militant, la manifestation d'un pouvoir économique, politique, spirituel ou symbolique. À travers le *corpus* particulier des inscriptions mentionnant les évêques, ce travail entend explorer comment la présence physique de l'écriture épigraphique, ses caractères formels (ou visuels) et son contenu parviennent à manifester l'identité de l'émetteur et les circonstances de la création du document; il s'agit de mesurer les

objectifs réels de cet usage singulier de l'écriture médiévale dans le contexte d'une représentation de plus en plus riche, et d'une affirmation du rôle social et symbolique du clergé séculier au cours du Moyen Âge.

Mots-clés: Épigraphie; Épitaphe; Évêque; Sculpture funéraire; Représentation.

The graphic fact supposes the existence of a transmitter which thinks and shows itself as such in the writing act and spreading of a message thanks to a written production which can be diplomatic, documentary, epistolary or epigraphic. By giving a public or advertising dimension to the document, this last category transforms the emission of a message into an act of individual or collective assertion; the exposed inscription in rural or urban areas becomes thus a militant sign, the demonstration of an economic, political, spiritual or symbolic power. Throughout the particular *corpus* of inscriptions mentioning bishops, this paper investigates how physical presence, formal characters and the contents of epigraphic writing make the transmitter's identity and the circumstances of written creation visible. It also tries to measure the purposes of this particular medieval graphic practice in the context of an increasingly rich world of representations, and in the affirmation of the social and symbolic role of the secular clergy in the Middle Ages.

Keywords: Epigraphy; Epitaph; Bishop; Gravestone; Representation.

Heráldica eclesiástica. Entre usos concretos e disposições normativas

Miguel Metelo de SEIXAS

O presente texto visa fornecer uma visão sobre como se articulou, desde a Idade Média até à actualidade, a relação entre, por um lado, os usos concretos de emblemas heráldicos pelos indivíduos ou instituições da Igreja Católica e, por outro, a produção de textos teóricos e normativos sobre a heráldica eclesiástica. O objectivo consiste em procurar definir as características específicas da heráldica eclesiástica em contraposição aos demais tipos de armaria, mostrando como aquela procura espelhar o equilíbrio entre identificação individual e representação da hierarquia da Igreja.

Palavras-chave: Heráldica; Clero; Normas de armaria; Práticas heráldicas; Representação da hierarquia eclesiástica.

This paper wants to show how concrete uses of heraldic emblems by individuals or institutions of the Catholic Church managed to create a complex relationship from the Middle Ages to the present time, with the production of theoretical and normative texts on ecclesiastical heraldry. The aim is to try to define the specific characteristics of ecclesiastical heraldry as opposed to other types of arms, showing how it tries to represent the balance between individual identification and representation of ecclesiastic hierarchy.

Keywords: Heraldry; Clergy; Heraldic rules; Heraldic uses; Representation of ecclesiastic hierarchy.

O fim da linha. Legados têxteis nos testamentos do clero catedralício português (1280-1325)

Joana Isabel SEQUEIRA

Com base nos testamentos do clero catedralício português, no período compreendido entre 1280-1325, faz-se uma análise detalhada sobre as tipologias e características dos legados relativos a objectos têxteis (roupas de cama e de casa, vestuário, tecidos e dinheiro para aquisição de roupa ou de tecidos). Mais do que listar as roupas mencionadas, procura-se perceber os critérios subjacentes à distribuição desses legados, conjugando aspectos como o tipo e a qualidade das peças com as categorias sociais dos beneficiários e as motivações e intencionalidades dos testadores.

Palavras-chave: Testamento; Clero; Têxtil; Vestuário; Tecido.

Through the analysis of the wills of Portuguese cathedral clergy members, between 1280 and 1325, this paper discusses the characteristics and typology of bequests consisting of textile objects (home and bed linen, clothing, fabrics, and money to buy clothing and fabrics). More than creating a list of all the clothes mentioned in those wills, the paper seeks to understand the criteria which conducted the distribution of those bequests, combining key aspects such as the quality and type of item with the recipients' social rank and the testators' intentions and motivations.

Keywords: Testament; Clergy; Textile; Clothing; Fabric.

As vestes funerárias episcopais de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga (1348†)

Teresa ALARCÃO

Aquando da abertura do túmulo do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, em 1992, verificou-se que este apresentava vestes em notável estado de conservação. A sua observação, registo e conseqüente divulgação pode contribuir para o melhor conhecimento do vestuário episcopal, têxteis e bordados, usados no século XIV. D. Gonçalo Pereira (1326-1348†) apresentava-se revestido de riquíssimos e luxuosos paramentos, consentâneos com a sua alta dignidade e função. Retiraram-se do túmulo algumas peças e insígnias, como a mitra bordada a ouro (*opus anglicanum*), provavelmente executada no início do século XIII, um par de luvas bordadas, fragmentos de sedas lavradas e outros tipos de tecido. Estas peças foram objecto de tratamentos de conservação e restauro. Das peças que permaneceram no túmulo foi possível identificar uma casula, dalmáticas, estola e manípulo, com imagética ricamente bordada nos sebastos, um cingulo obtido através de uma rede de nós e vestes de linho.

Palavras-chave: Túmulo; Arcebispo; Vestes; Mitra; Conservação.

In 1992 following the discovery in his tomb of the vestments of Gonçalo Pereira, archbishop of Braga (1326-1348†), it was realised that his garments were remarkably well preserved. The observation, record and dissemination of these garments contribute to the knowledge of episcopal garments, textiles and embroideries of that period. Gonçalo Pereira was clothed in full and rich ornaments, luxury products, appropriate to his position and function. Some *insignia* have been recovered from the tomb, such as a mitre in gold embroidery (*opus anglicanum*), probably from the early 13th century, as well as a pair of embroidered gloves, fragments of patterned silks and other fabrics. They have been preserved and submitted to conservation procedures. Some of the vestments that remained in the tomb were identified, such as a chasuble, dalmatics, stole and maniple, richly embroidered with imagery in orphery bands, a *cingulum* made of knotted net, and linen pieces.

Keywords: Tomb; Archbishop; Ornaments; Mitre; Conservation.

O clero secular e a ourivesaria da Sé de Coimbra entre os séculos XIV-XVI

Pedro FERRÃO

Com o intuito de tornar a casa de Deus mais resplandecente, a ourivesaria revelou-se, ao longo da Idade Média, uma arte de intensa produção e de fausto maior. O tesouro da Sé de Coimbra foi-se constituindo por sucessivas heranças, reunidas através de importantes aquisições do cabido e numerosas doações dos seus fiéis. Entre os seus mais destacados benfeitores contavam-se reis, bispos e clérigos. O seu registo foi efectuado no conhecido *Livro das Kalendas*, que contém anotações que vão desde 1062 a 1445, e em cinco inventários – respectivamente dos anos de 1393, 1492, 1517, 1546 e 1610. Cotejando a variedade destas doações e a diversidade dos homens que as concretizaram, procuraremos neste breve ensaio revelar um pouco mais sobre o tesouro da Sé conimbricense entre os séculos XIV-XVI.

Palavras-chave: Sé de Coimbra; Tesouro; Ourivesaria gótica; Alfaias litúrgicas; Mecenato.

In order to make God's house more resplendent, jewellery has shown to be an art of intense production and great splendour throughout the Middle Ages. The treasure of Coimbra's Cathedral consists of successive inheritances, gathered through key acquisitions and numerous donations from the faithful. Among its most prominent benefactors were kings, bishops and clerics. Their record was made known in the *Livro das Kalendas*, containing notes from 1062 to 1445, and in five inventories – respectively, from years 1393, 1492, 1517, 1546, and 1610. Comparing the variety of these donations and the diversity of the men that made them, this brief essay tries to reveal a little more about the treasure of Coimbra's Cathedral between the 14th and the 16th centuries.

Keywords: Coimbra Cathedral; Treasure; Gothic precious metals; Liturgical vessels; Patronage.

La enseñanza en las catedrales hispanas

Susana GUIJARRO GONZÁLEZ

El presente texto pretende ofrecer una valoración del papel jugado por las catedrales hispanas en la enseñanza medieval. Al mismo tiempo, cuestiona y matiza la visión de pobreza y aislamiento cultural de las escuelas catedralicias difundida por la historiografía tradicional. Ante la inexistencia de evidencias directas sobre el programa escolar se intenta reconstruir el mismo a partir de las referencias a libros halladas en documentos e inventarios de bibliotecas. Asimismo, se esboza la gestión y material humano de dichas escuelas a partir de las escasas huellas que han dejado maestros y estudiantes. Para contextualizar las mencionadas evidencias, distingue tres etapas en la evolución de las escuelas y en las políticas de formación intelectual promovidas por estas instituciones eclesiásticas. La primera etapa (siglos XI al XII) estuvo marcada por la inestabilidad de las sedes episcopales, la vida en común seguida por los cabildos catedralicios y la herencia de la cultura monástica del período visigótico. La segunda fue una etapa de iniciación de la apertura al mundo urbano con la ubicación de escuelas de gramática fuera de la catedral y la recepción de la teología parisina y el derecho boloñés. La tercera etapa (siglos XIV y XV) representa la consolidación institucional de las escuelas catedralicias, responsables, en gran medida, del aumento de clérigos con grados académicos. Al igual que sus homólogos europeos, los clérigos de las catedrales hispanas prefirieron la formación jurídico-canónica.

Palabras clave: Escuelas catedralicias hispanas; Bibliotecas catedralicias; Castilla; Curriculum escolar; España Medieval.

This text offers an assessment of the role played by Spanish cathedrals in Medieval learning, at the same time questioning and clarifying the idea of the cultural poverty and isolation of these cathedral schools supported by traditional historiography. In the absence of direct evidence of the school syllabus, an attempt has been made to rebuild it through references to books found in cathedral documents and library inventories. Besides, the management and human component of these schools have been outlined through the scarce remnants left behind by masters and students. In order to contextualize the aforementioned evidence, this text distinguishes three stages in the development of these schools and in the policies of intellectual training that were promoted by them. The first stage (11th and 12th centuries) was marked by the instability of episcopal sees, by communal life in cathedral chapters and by the

monastic culture inherited from the Visigoth period. The second stage was the beginning of the opening-up to the urban world, with grammar schools being placed outside cathedrals and the reception of the Parisian theology and the Bolognese law. The third stage (14th and 15th centuries) represents the institutional consolidation of cathedral schools, which to a great extent were responsible for the rise of graduated clergymen. Like their European counterparts, the clergymen of Spanish cathedrals preferred Civil and Canon law training.

Keywords: Spanish cathedral schools; Cathedral libraries; Castile; School curriculum; Medieval Spain.

Vestígios da cultura na antecâmara da morte. O caso das livrarias de mão do clero medieval português nos testamentos catedralícios

Armando NORTE

Tendo como limites as fronteiras do reino português e por horizonte temporal os séculos XII, XIII e o primeiro quartel do século XIV, pretende-se neste trabalho analisar a natureza e a composição das livrarias privadas reunidas pelo clero catedralício, a partir de uma fonte informativa privilegiada: os seus testamentos. Procura-se compreender com base nas informações contidas nestes documentos, quais os processos de formação das bibliotecas desses clérigos e os mecanismos de transmissão de manuscritos a que recorriam. Procura-se, ainda, perceber e contextualizar tais processos à luz da renovação intelectual experimentada pela Cristandade no século XII, com reflexos assinaláveis na centúria seguinte, no desenvolvimento dos diferentes ramos do saber e na epistemologia, assim como percepcioná-los em função da emergência de novas realidades socioculturais, nomeadamente a fundação das primeiras universidades e a importância que a formação académica passou a ter na construção das carreiras eclesíásticas.

Palavras-chave: Idade Média; Clero secular; Livrarias; Livros Manuscritos; Testamentos.

Taking as limits the boundaries of the Portuguese kingdom and as time horizon the period from the 12th century to the first quarter of the 14th century, this paper aims to examine the nature and composition of private libraries organized by cathedral

clergymen, using a privileged source of information: their wills. Based on information contained in these documents, we seek to understand which processes these clerics used to form these libraries and which mechanisms they used for manuscript transmission. We also want to understand and contextualize these processes in the light of the intellectual renewal experienced by Christianity in the 12th century, with remarkable reflexes in the following century, the development of different branches of knowledge and epistemology. Finally, we want to perceive them in the context of emerging new sociocultural realities, including the establishment of the first universities and the importance that academic education started to have in the construction of ecclesiastic careers.

Keywords: Middle Ages; Secular clergy; Libraries; Manuscripts; Wills.

Os arquivos capitulares. Formas de representação e preservação da memória documental: o caso de Évora no início de Trezentos

Hermínia Vasconcelos VILAR

A partir de um códice preservado no Arquivo do Cabido da Sé de Évora, publicado por Henrique da Silva Louro e datado de 1321, procura-se contribuir para o estudo da constituição da memória documental do arquivo desta catedral. Produzido numa cronologia que o aproxima de outros inventários e cartulários elaborados na primeira metade de Trezentos em Évora, o estudo deste inventário contribui para uma melhor compreensão dos condicionalismos que determinaram este esforço de produção.

Palavras-chave: Sé de Évora; Arquivo; Memória; Clero secular.

This paper is a contribution to the study of the constitution of the documental memory of the Évora chapter in the 14th century. The basis for this analysis is a codex preserved in the chapter archive of the Évora's Cathedral published by Henrique da Silva Louro and dated from 1321. Produced in a chronology that approaches this codex to other inventories and cartularies created in Évora in the first half of the 14th century, the study of this inventory contributes to a better understanding of the constraints that have determined this production effort.

Keywords: Évora Cathedral; Archive; Memory; Secular clergy.



Biobibliografía dos Autores

Eduardo CARRERO SANTAMARÍA

Profesor titular de Historia del Arte Medieval en la Universitat Autònoma de Barcelona, habiendo impartido docencia previamente en las universidades de Oviedo y de las Islas Baleares desde el año 2006. Se ocupa de distintos aspectos de la arquitectura, la iconografía y la historia de la Edad Media en la Península Ibérica, desde la perspectiva de la interacción de usos y funciones sobre la arquitectura y las imágenes a partir de las necesidades para la vida cotidiana del clero y la liturgia. Ha prestado especial atención a los cabildos catedralicios como entidad eclesiástica y social. Las relaciones entre éstos y la arquitectura de las catedrales han sido su objetivo de investigación más importante, destacando muy especialmente sus aportaciones al conocimiento de la topografía claustral en las catedrales peninsulares, desde los viejos cabildos *sub regula* hasta la secularización, tema del que la historiografía hispanolusa carecía de estudios. También ha realizado estudios sobre la interacción entre iconografía, arquitectura y uso litúrgico y social en piezas de destacada importancia material, como la capilla del Sepulcro de la iglesia parroquial de San Justo de Segovia, la viga de Sant Miquel de Cruïlles (Museu d'Art de Girona), o las portadas de los monasterios de Santa María de Sandoval (León) y Santa Cruz la Real de Segovia.

Ha participado en diferentes proyectos de investigación interdisciplinares sobre arte e historia medievales y, hasta 2012, fue el investigador principal del proyecto *Arquitectura y liturgia: el contexto artístico de las consuetas de la Corona de Aragón* (Ministerio de Ciencia e Innovación). Es académico correspondiente de la Real Academia de Historia y Arte de San Quirce de Segovia y de la Academia Mindoniense-Auriense de San Rosendo.

Selección de sus principales publicaciones: La arquitectura al servicio de las necesidades litúrgicas: los conjuntos de iglesias. *Anales de Historia del Arte*. nº extra (2009) 61-97; Presbiterio y coro en la catedral de Toledo: en busca de unas circunstancias. *Hortus Artium Medievalium*. 15-2 (2009) 125-142; Le sanctuaire de la cathédrale de Saint-Jacques-de-Compostelle à l'épreuve de la liturgie. In *Saint-Martial de Limoges: ambition politique et production culturelle (X^e-XIII^e siècles)*. Dir. C. ANDRAULT-SCHMITT (Limoges-Poitiers, 2006, p. 295-307); *La catedral vieja de Salamanca: vida capitular y arquitectura* (Murcia, 2005); *Las catedrales de Galicia: claustros y entorno urbano* (A Coruña, 2005); *Catedral y ciudad medieval en la Península Ibérica* (Murcia, 2005); *La vita communis en las catedrales peninsulares: del registro diplomático a la evidencia arquitectónica*. In *A Igreja e o clero português no contexto europeu* (Lisboa, 2005, p. 171-194); *El conjunto catedralicio de Oviedo durante la Edad Media* (Oviedo, 2003); *El Santo Sepulcro: imagen y funcionalidad espacial en la capilla de la iglesia de San Justo (Segovia)*. *Anuario de Estudios Medievales*. 27/1 (1997) 461-477.

Lúcia Maria Cardoso ROSAS

Professora Associada com Agregação do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do CEPESE/UP. Tem centrado a sua investigação na História da Arquitectura Medieval, História da Arte Medieval e na História do Restauro. Integra as equipas científicas dos projectos de investigação: Eurocore *Cuius Regio. An analysis of the cohesive and disruptive forces destining the attachment of groups of persons to and the cohesion within regions as a historical phenomenon* (desde 2010); *Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional* (desde 2009); e integrou a equipa do projecto *Artistas e Artífices do Norte de Portugal, séc. XII-XX* (2005-2008).

É autora de diversos livros e artigos, entre eles: *O mosteiro de Santa Maria de Pombeiro na Idade Média*. In *Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro* (Felgueiras, 2011, p. 13-78); *A documentação das confrarias medievais como fonte para a História da Arte*. In *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*. Coord. Natália Marinho FERREIRA-ALVES (Porto, 2011, p. 315-323); *Arte Românica en Portugal* (Aguilar de Campoo, 2010, em colab.); *Nossa Senhora de*

Guadalupe (Mouços, Vila Real: encomendador e obra). In *A encomenda: o artista, a obra*. Coord. Natália Marinho FERREIRA-ALVES (Porto, 2010, p. 273-277); A génese dos monumentos nacionais. In *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*. Coord. científica Jorge AUGUSTO (Lisboa, 2010, p. 41-46); O Convento de São Francisco do Porto na Idade Média: arquitectura, liturgia e devoção. In *Os franciscanos no mundo português: artistas e obras I*. Coord. Natália Marinho FERREIRA-ALVES (Porto, 2009, p. 143-150); *Rota do Românico do Vale do Sousa*. Coord. científica e autora de textos sobre arquitectura românica (S./I, 2008); A representação de São Cristovão na pintura mural portuguesa dos finais da Idade Média: crença e magia. In *Crenças, religiões e poderes: dos indivíduos às sociabilidades*. Coord. Vítor Oliveira JORGE e J. M. Costa MACEDO (Porto, 2008, p. 365-373); The restoration of historic buildings between 1835 and 1929: the portuguese taste. *E-Journal of Portuguese History*. 3-1 (2005); *Monumentos pátrios: a arquitectura religiosa medieval, património e restauro: 1835-1928* (Porto, 1995, tese de doutoramento policopiada).

Manuel Pedro FERREIRA

Doutorou-se em Musicologia na Universidade de Princeton, sendo actualmente Professor Associado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona sobre a música da Idade Média e do Renascimento e coordena o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical. Tem-se dedicado também à crítica, à composição e à interpretação musical (dirige desde 1995 o grupo *Vozes Alfonsinas*). É membro eleito da *Academia Europaea* e dirigente da Sociedade Internacional de Musicologia. Como musicólogo, publicou mais de oitenta artigos de investigação. Foi responsável pela publicação facsimilada do *Cancioneiro de Elvas* (Lisboa, 1989) e do *Manuscrito 714 da Biblioteca Pública Municipal do Porto* (Porto, 2001).

O seu livro *O Som de Martin Codax* (Lisboa, 1986) foi premiado pelo Conselho Português da Música. Entretanto escreveu ou coordenou nove outros títulos: *Revisiting the music of medieval France: from Gallican chant to Dufay* (Farnham-Burlington, 2012); *Harmonias do Céu e da Terra: a música nos manuscritos de Guimarães: séculos XII-XVII* (Guimarães-Lisboa, 2012); *Aspectos da música medieval no ocidente peninsular* (2 vols. Lisboa, 2009-2010); *New Music: 1400-1600* (Évora-Lisboa, 2009); *A Sé de Braga: arte,*

liturgia e música, do final do século XI à época tridentina (Lisboa, 2009); *Antologia de música em Portugal na Idade Média e no Renascimento* (2 vols. Lisboa, 2008); *Medieval sacred chant: from Japan to Portugal* (Lisboa, 2008); *Dez compositores portugueses: percursos da escrita musical no século XX* (Lisboa, 2007); e *Cantus coronatus – Sete cantigas d'amor d'El-Rei Dom Dinis* (Kassel, 2005).

Eric PALAZZO

Professeur d'Histoire de l'Art du Moyen Âge à l'Université de Poitiers, membre du Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale de l'Université de Poitiers qu'il a dirigé de 2000 à 2007. Il est membre senior de l'Institut Universitaire de France depuis 2011. En 2006-2007, il a été *senior fellow* du Getty Research Institute de la Fondation Getty à Los Angeles. Il est un spécialiste des relations entre art et liturgie dans le christianisme antique et médiéval.

On lui doit de très nombreux articles et livres sur le sujet parmi lesquels: *L'espace rituel et le sacré dans le christianisme: la liturgie de l'autel portatif dans l'Antiquité et au Moyen Âge* (Turnhout, 2008); *Liturgie et société au Moyen Âge* (Paris, 2000); *L'évêque et son image: l'illustration du pontifical au Moyen Âge* (Turnhout, 1999); *Les sacramentaires de Fulda: étude sur l'iconographie et la liturgie à l'époque ottonienne* (Münster, 1994); *Histoire des livres liturgiques: le Moyen Âge, des origines au XIII^e siècle* (Paris, 1993). Il a en préparation un livre sur les relations entre les cinq sens, l'art et la liturgie au Moyen Âge (Éd. Fayard).

Maria Leonor BOTELHO

Licenciada em História, variante de História da Arte (ramo científico) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001), Mestre em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2004), enquanto Bolseira da FCT, com uma dissertação sobre *As transformações sofridas pela Sé do Porto no século XX: a ação da DGEMN (1929-1982)*, Doutora em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2010), com uma dissertação sobre

A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal: 1870-2010, enquanto bolsista da FCT.

É bolsista de pós-doutoramento da FCT no âmbito do projecto *Enciclopédia do Românico na Península Ibérica – Portugal*, professora auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigadora integrada do Centro de Estudos de População e Sociedade desta universidade (CEPESE) e do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa (IEM). A sua área de investigação tem-se centrado sobre o estudo da arquitectura da época românica portuguesa, incluindo as vicissitudes porque passou ao longo dos séculos e muito particularmente sobre a história do restauro e da conservação dos edifícios estudados.

Entre as suas publicações contam-se: *A arte românica em Portugal*. Dir. José María PÉREZ GONZÁLEZ. Coord. científica Lúcia ROSAS e Maria Leonor BOTELHO (Aguillar de Campoo, 2012); The study of medieval art. In *The history of medieval Portugal c.1950-2010*. Dir. José MATTOSO (Lisboa, 2011, p.131-151); *A Sé do Porto no Século XX* (Lisboa, 2006); e o conjunto de quatro monografias elaboradas no âmbito do Projecto *O Românico de Felgueiras na Rota do Vale do Sousa*. Mais recentemente, tem integrado a equipa de investigadores-bolsistas ao serviço da Universidade do Porto e da VALSOUSA no âmbito do projeto da *Rota do Românico – Tâmega*.

Carlos Filipe Pereira ALVES

Mestre em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a dissertação *Os «Monumentos Nacionais» e a (des)construção da história: a Sé de Viseu* (2010), é actualmente aluno de doutoramento em História da Arte na Universidade Autónoma de Barcelona, onde desenvolve o seu programa de investigação sobre *A evolução arquitectónica e artística da catedral de Santa Maria de Viseu: desde a Idade Média até à Contemporaneidade*. É, desde 2012, membro integrado do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Até ao presente conta com as seguintes publicações: *Os «Monumentos Nacionais» e a (des)construção da história: a Sé de Viseu* (Viseu, 2011); A evolução arquitectónica de um espaço de múltiplas funções: o alcácer e o castelo de Viseu, séculos XII-XIV. In *A Guerra e a Sociedade na Idade Média*. Vol. 2 (Torres Novas, 2009, p. 77-91).

Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO

Doutora em História da Idade Média e professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura. Membro colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa. Membro de diversos organismos científicos, entre os quais se destacam: *APICES Association Paléographique Internationale. Culture, Écriture, Société*; Associação Portuguesa de História Económica e Social; *Commission Internationale de Diplomatie*; Instituto Português de Heráldica; *SIGILLVM: Network for Research Seals and Sealing: History, Art, Preservation*; *Sociedad Española de Ciencias y Técnicas Historiográficas*; *Société Française d'Héraldique et Sigillographie*. Principais interesses científicos: história religiosa e social da Idade Média portuguesa (em particular do clero secular e do ramo feminino da Ordem de Cister); paleografia; diplomática; sigilografia; codicologia; história do livro.

Entre as suas principais publicações mais directamente relacionadas com a temática deste livro contam-se: *Mémoire au-delà de la mort: les évêques portugais et leurs monuments tumulaires au Moyen Âge*. In *Identité et mémoire: l'évêque, l'image et la mort: de l'époque paléochrétienne jusqu'à la fin du Moyen Âge* (Roma, 2014, em colab., no prelo); *L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais (XIII^e-XV^e siècles)*. In *Héraldique et Numismatique, Moyen Âge - Temps Modernes II* (Le Havre, 2014, em colab., no prelo); A organização da diocese de Lamego: da reconquista à restauração da dignidade episcopal. In *Espaço, poder e memória: a catedral de Lamego, sécs. XII a XX* (Lisboa, 2013, p. 15-45); Working with medieval manuscripts and records: paleography, diplomatics, codicology and sigillography. In *The historiography of medieval Portugal (c. 1950-2010)* (Lisboa, 2012, p. 45-65); Sigilografia e heráldica eclesiástica medieval portuguesa no *Archivo Histórico Nacional* de Espanha. In *Estudos de Heráldica Medieval* (Lisboa, 2012, p. 93-122; em colab.); A sigilografia portuguesa em tempos de D. Afonso Henriques. *Medievalista*. 11 (Janeiro-Junho 2012; disponível em linha);

Les testaments dans la société médiévale portugaise (XII^e-XIV^e siècles). *Archiv für Diplomatik*. 57 (2011) 353-376, em colab.; *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria: 1080-1318* (Lisboa, 2010); *Testamenta Ecclesiae Portugaliae: 1080-1325*. Coord. de Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO (Lisboa, 2010); Bispos em tempos de guerra: os prelados de Coimbra na segunda metade do século XIV. In *A Guerra e a Sociedade na Idade Média* (vol. 1, [Torres Novas], 2009, p. 539-550); O báculo e a coroa na Coimbra medieval. In *Raízes medievais do Brasil moderno* (Lisboa, 2008, p. 43-66); Traditionalisme, régionalisme et innovation dans les chancelleries épiscopales portugaises au Moyen Âge. In *Régionalisme et internationalisme: problèmes de paléographie et de codicologie du Moyen Âge*. (Viena, 2008, p. 299-316, em colab.); Les testaments du clergé de Coimbra: des individus aux réseaux sociaux. In *Carreiras eclesiásticas no Ocidente Cristão, séc. XII-XIV* (Lisboa, 2007, p. 121-138, em colab.); The Coimbra See and its chancery in medieval times. *E-Journal of Portuguese History*. 4:2 (2006; disponível em linha); Os estatutos do cabido da Sé de Coimbra de 1454. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques* (vol. 4, Porto, 2006, p. 85-108); Frontières documentaires: les chartes des chancelleries épiscopales portugaises avant et après le XIII^e siècle (Coimbra et Lamego). In *Frontiers in the Middle Ages* (Louvain-la-Neuve, 2006, p. 441-466, em colab.); A prelazia de Coimbra no contexto de afirmação de um reino. In *Sé Velha de Coimbra: culto e cultura* (Coimbra, 2005, p. 193-222); La famille d'Ébrard et le clergé de Coimbra aux XIII^e et XIV^e siècles. In *A Igreja e o clero português no contexto europeu* (Lisboa, 2005, p. 77-91); A clergyman's career in late Medieval Portugal: a prosopographical approach. *Medieval Prosopography*. 25 (2004) 114-144, em colab.

Anísio Miguel de Sousa SARAIVA

Mestre em História da Idade Média pela Universidade de Coimbra. Membro do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR) e investigador colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra (CHSC), onde prepara o doutoramento sobre *A diocese de Viseu: espaço de religião e de poder na Idade Média: 1147-1425*. Tem centrado a sua investigação no domínio da história religiosa (elites eclesiásticas: episcopado e clero catedralício medieval português) e da história urbana, dedicando-se também à edição de fontes e a estudos no âmbito da sigilografia, diplomática e paleografia. Exerceu

funções docentes na Universidade Católica Portuguesa (1996-1998) e de tutoria na Universidade Aberta (2010-2012). Integrou o projecto de investigação *Fasti Ecclesiae Portugaliae: prosopografia do clero catedralício português: 1071-1325* (2002-2006), sendo actualmente investigador dos projectos *SIGILLVM – Corpus dos selos portugueses* (2014-2015); *DEGRUPE – A dimensão europeia de um grupo de poder: o clero e a construção política das monarquias ibéricas, sécs. XIII-XV* (2013-2015); e *EICAM Viseu – Estudo interdisciplinar de comunidades alto medievais (séculos V a XI): o caso de Viseu* (2013-2015). Foi coordenador do projecto de inventariação e classificação do acervo documental do Arquivo do Museu de Grão Vasco (Viseu, 2007). Teve a seu cargo a coordenação científica do catálogo digital desse arquivo, realizado no âmbito da exposição *Monumentos de Escrita: 400 anos de História da Sé e da Cidade de Viseu (1230-1639)* (Viseu, 2007-2008), da qual foi coordenador executivo, científico e autor. É responsável pela investigação do período crono-cultural “Da formação da Nacionalidade ao fim da Idade Média”, do projecto interdisciplinar *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, na perspectiva do estudo da relação do Homem com o território e a paisagem* (2011-2015). É sócio numerário da *Sociedad Española de Estudios Medievales*, membro da *Associação Portuguesa de História Económica e Social*, da *APICES. Association Paléographique Internationale: Culture, Écriture, Société*, da *SIGILLVM. Network for research Seals and Sealing: history, art, preservation*, da *Sociedad Española de Ciencias e Técnicas Historiográficas*, de *The Medieval Academy of America* e do *Instituto Português de Heráldica*, tendo participado em dezenas de reuniões científicas em Portugal e no estrangeiro.

Entre outros livros e artigos de que é autor ou coordenador, contam-se: *Mémoire au-delà de la mort: les évêques portugais et leurs monuments tumulaires au Moyen Âge*. In *Identité et mémoire: l'évêque, l'image et la mort: de l'époque paléochrétienne jusqu'à la fin du Moyen Âge* (Roma, 2014, em colab., no prelo); *L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais (XIII^e-XV^e siècles)*. In *Héraldique et numismatique, Moyen Âge-Temps modernes, n° 2* (Le Havre, 2014, em colab., no prelo); *Espaço, poder e memória: a catedral de Lamego, sécs. XII a XX* (Lisboa, 2013); *Sigilografia heráldica eclesiástica medieval portuguesa no Arquivo Histórico Nacional de Espanha*. In *Estudos de heráldica medieval* (Lisboa, 2012, p. 93-122, em colab.); *Metamorfoses da cidade medieval: a coexistência entre a comunidade judaica e a catedral de Viseu*. *Medievalista*. [Em linha] 11 (Jan.-Jun. 2012); *Testamenta Ecclesiae Portugaliae: 1071-1325*. Coord. Maria do Rosário Barbosa MORUJÃO. Transcr. e rev. transcr. Anísio Miguel de Sousa SARAIVA [et al.]

(Lisboa, 2010); Traditionalisme, régionalisme et innovation dans les chancelleries épiscopales portugaises au Moyen Âge: les cas de Lamego et Viseu. In *Régionalisme et internationalisme: problèmes de paléographie et de codicologie du Moyen Âge* (Vienne, 2008, p. 304-309); Nepotism, illegitimacy and papal protection in the construction of a career: D. Rodrigo Pires de Oliveira, bishop of Lamego (1311-1330). *E-Journal of Portuguese History*. 6-1 (2008); *Catálogo do Arquivo do Museu de Grão Vasco I* (Viseu, 2007); *Monumentos de escrita: 400 anos da história da Sé e da cidade de Viseu, 1230-1639* (Viseu, 2007); The Viseu and Lamego clergy: clerical wills and social ties. In *Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão, sécs. XII-XIV* (Lisboa, 2007, p. 141-149); Frontières documentaires: les chartes des chancelleries épiscopales portugaises avant et après le XIII^e siècle: Coimbra et Lamego. In *Frontiers in the Middle Ages* (Louvain-la-Neuve, 2006, p. 441-466, em colab.); «Clientuli et procuratores» na Avinhão de Clemente VI: segundo as notas de um notário português. In *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques* (vol. I, Porto, 2006, p. 227-244); D. Vasco Martins, vescovo di Oporto e di Lisbona: una carriera tra Portogallo ed Avignone durante la prima metà del Trecento. In *A Igreja e o clero português no contexto europeu* (Lisboa, 2005, p. 117-136, em colab.); O quotidiano da casa de D. Lourenço Rodrigues, bispo de Lisboa (1359-1364†): notas de investigação. *Lusitania Sacra*. 17 (2005) 419-438; A clergyman's career in late medieval Portugal: a prosopographical approach. *Medieval Prosopography: History and Collective Biography*. 25 (2004) 114-144 (em colab.); A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas: o caso da catedral de Lamego. In *Catedral y ciudad medieval en la Península Ibérica (Murcia, 2004, p. 243-280)*; *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV: 1296-1349* (Leiria, 2003); O processo de inquirição dos bens de um prelado trecentista: D. Afonso Pires, bispo do Porto (1359-1372†). *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 197-228; Património da Sé de Viseu: segundo um inventário de 1331. *Revista Portuguesa de História*. 32 (1997-1998) 95-148 (em colab.).

Vincent DEBIAIS

Chargé de recherche première classe (CNRS, section 35) – Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale (CESCM) – UMR 7302 CNRS/Université de Poitiers. A soutenu en 2004 à l'Université de Poitiers une thèse publiée sous le titre *Messages de pierre. La lecture des inscriptions dans la communication médiévale* (Turnhout,

2009). Il est chargé de recherche au CNRS, membre du CESCO et responsable du *Corpus des inscriptions de la France médiévale* et de l'équipe d'épigraphie médiévale du CESCO. Il étudie la culture écrite médiévale, les inscriptions et plus généralement les questions de communication au Moyen Âge et prépare une HDR sur le rôle de l'écriture poétique dans la création visuelle médiévale (*ekphrasis, tituli*, inscriptions monumentales).

Responsable de publication d'Art-Hist (A Virtual Symposium on Artistic Creation from Antiquity to Modern Times): <http://art-hist.blogspot.fr/>. Membre élu du conseil de laboratoire du Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale, du programme I+D *CIHM*, Université de León (Espagne) et des groupes des recherches ARS PICTA et TEMPLA. Co-organisateur du programme intensif ERASMUS ESSEP: <http://sha.univ-poitiers.fr/essep/>.

Parmi ses principales publications, on compte: Lieu d'image et lieu du texte: les inscriptions dans les peintures murales de la voûte de la nef de Saint-Savin. In *L'image médiévale: fonctions dans l'espace sacré et structuration de l'espace culturel*. Dir. E. SPARHUBERT et C. VOYER (Turnhout, 2011); Guillaume Durand. In *Translations médiévales: cinq siècles de traductions en français (XI^e-XV^e siècle). Étude et répertoire*. T. II: Répertoire. Éd. Cl. GALDERISI (Turnhout, 2011); Écrire sur, écrire dans, écrire près de la tombe: les aspects topographiques de l'inscription funéraire (IX^e-XII^e siècle). *Cahiers de Saint-Michel-de-Cuxa*. 42 (2011) 17-28; L'inscription funéraire des XI^e-XII^e siècles et son rapport au corps. *Cahiers de Civilisation Médiévale*. 54 (2011) 337-362; *Corpus des inscriptions de la France médiévale*. T. 24: *Maine-et-Loire, Mayenne, Sarthe* (Paris, 2010); L'écriture dans l'image peinte romane: questions de méthodes et perspectives. *Viator*. 41 (2010) 95-125; *Une société de pierre. Les épitaphes carolingiennes de Melle. Catalogue de l'exposition tenue à Saint-Pierre de Melle* (Melle, 2009), en collaboration; *Messages de pierre: la lecture des inscriptions dans la communication médiévale* (Turnhout, 2009); *Corpus des inscriptions de la France médiévale*. T. 23: *Région Bretagne; Loire-Atlantique et Vendée* (Paris, 2008); L'écrit sur la tombe: entre nécessité pratique, souci pour le salut et élaboration doctrinale. À travers la documentation épigraphique de la Normandie médiévale. *Tabularia*. 7 (2007) 179-202.

Doutor em História pela Universidade Lusíada de Lisboa (2010), onde exerce o cargo de professor auxiliar e dirige desde 1998 o Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos. É desde 2011 bolseiro de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, como investigador integrado do Centro de História de Além-Mar e do Instituto de Estudos Medievais, ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com o projecto *A heráldica portuguesa entre os séculos XV e XVIII: uma cultura visual de representação política e social*. Tem leccionado em diversas universidades portuguesas e estrangeiras, com destaque para a Université de Poitiers, a Università degli Studi di Firenze e a Università degli Studi di Viterbo.

Tem desenvolvido trabalho na área da Heráldica considerada como o estudo dos emblemas abstractos ou gráficos usados por indivíduos e instituições como forma de auto-representação e de comunicação. Nesse sentido, as suas investigações têm procurado apresentar a Heráldica como forma de História Social, Cultural e Política, valorizando outrossim a sua ligação a diversificadas áreas do saber, nomeadamente a História da Arte, os Estudos de Património e os Estudos Visuais. O objectivo do trabalho que tem conduzido aponta para uma visão transdisciplinar da Heráldica, não como disciplina autónoma e isolada, mas antes plenamente integrada na multiplicidade do saber histórico.

Está integrado como investigador e consultor em vários projectos, nomeadamente: *BAHLA 16-19. Salvador da Bahia: American, European and African forging of a colonial capital city*, financiado por Marie Curie Actions, com sede no Centro de História de Além-Mar (FCSH/UNL), École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e Universidade Federal da Bahia; *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX)*. *Anatomia dos Interiores*, financiado pela FCT, com sede no Instituto de História da Arte (FCSH/UNL), Centro de Estudos de Artes Decorativas (ESAD/FRESS) e Fundação Rui Barbosa (Rio de Janeiro); *DigiTile Library: Tiles and Ceramics on line*, financiado pela FCT, com sede no Instituto de História da Arte (Universidade de Lisboa) e Fundação Calouste Gulbenkian; e *Na Privança d'el-Rei. Relações Interpessoais e Jogos de Fações em torno de D. Manuel I*, com sede no Centro de História de Além-Mar (FCSH/UNL).

É autor de vasta bibliografia, principalmente sobre temas ligados à heráldica, com destaque para as seguintes publicações: *Estudos de Heráldica Medieval* (coord., 2012); À sombra dos príncipes. A heráldica dos Sousas no mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha. In *A Capela dos Sousas no Mosteiro da Batalha* (2012); A heráldica municipal portuguesa na transição do Antigo Regime para a monarquia constitucional: reflexos revolucionários. In *O Atlântico Revolucionário: circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime* (2012); Reflexos ultramarinos na heráldica da nobreza de Portugal. In *Pequena Nobreza e Impérios Ibéricos de Antigo Regime* (2012); A heráldica nos arquivos de família: formas de conservação e gestão da memória. In *Arquivos de Família, séculos XIII-XIX: que presente, que futuro?* (2012); A heráldica em Portugal no século XIX: sob o signo da renovação. *Análise Social*. 202 (2012); *Heráldica, representação do poder e memória da nação: o armorial autárquico de Inácio de Vilbena Barbosa* (2011); As insígnias municipais e os primeiros armoriais portugueses: razões de uma ausência. *Ler História*. 58 (2010); Heráldica eclesiástica na porcelana oriental de importação portuguesa. In *Portugal na porcelana da China: 500 anos de comércio* (2008); *Peregrinações heráldicas olisiponenses: a freguesia de Santa Maria de Belém* (2005); *Heráldica no concelho de Fronteira* (2002); *As Armas do Infante D. Pedro e de Seus Filhos* (1994).

Joana Isabel SEQUEIRA

Doutorou-se em História, em 2012, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, com uma tese sobre a produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média. Foi bolseira de Doutoramento da FCT (SFRH/BD/35775/2007) e é actualmente bolseira de Pós-Doutoramento da mesma instituição (SFRH/BPD/84077/2012), com um projecto sobre a presença da companhia mercantil Salviati-Da Colle em Lisboa no século XV. É investigadora do CHAM (Universidade Nova de Lisboa) e do CITCEM (Universidade do Porto).

No âmbito da história têxtil, destacam-se as seguintes publicações: *Produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média* (Porto, 2012; tese de doutoramento policopiada); A mulher na produção têxtil portuguesa tardo-medieval. *Medievalista* [on-line]. 11 (2012), em colaboração; Construire un glossaire de termes textiles médiévaux

portugais. In *Les mots des vêtements et des textiles: désignation et restitution dans le cadre d'un réseau interdisciplinaire* (Dijon, 2013, no prelo), em colaboração.

Teresa ALARCÃO

Licenciada em História e Filosofia, possui ainda o Curso de Conservador de Museus. Exerceu actividade profissional no ensino e em museus, como conservadora, com particular incidência em áreas ligadas aos têxteis, nomeadamente no Museu Nacional do Traje e no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Neste museu teve a seu cargo a área de paramentaria e dos tecidos em geral, tendo-se dedicado especialmente às peças produzidas no século XVI. Acompanhou acções de formação de alunos de conservação e restauro na Escola Superior de Conservação e Restauro, em Lisboa, e no Curso de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leccionou sobre esta temática.

Colaborou na elaboração de roteiros de museus e outras instituições, públicas e privadas, de catálogos e na organização de exposições. Procedeu ao levantamento de peças de paramentaria existentes em diferentes regiões de Portugal, promovendo e intervindo em acções de sensibilização para entidades responsáveis por esse tipo de peças. Continua a ter intensa colaboração em catálogos de exposições e noutras publicações.

Entre as suas principais publicações, destacam-se: *Colecção têxtil*. In *Roteiro do Museu Alberto Sampaio* (Guimarães, 2005); *Colecção têxtil*. In *Museu de Lamego: roteiro* (Lamego, 1998); *Imagens em paramentos bordados: séculos XIV a XVI* (Lisboa, 1993, em colaboração; esta obra baseou-se no levantamento feito pela autora em Portugal para um *corpus* de paramentaria, com imagética bordada); *Normas de inventário: têxteis* (Lisboa, 1999, em colaboração; procurou-se, pela primeira vez, normalizar conceitos e terminologia têxtil, com vista à inventariação das peças existentes nos museus e colecções privadas).

Licenciado em História, variante de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi professor em diversas escolas e cursos técnico-profissionais, onde leccionou cadeiras nas áreas da História da Arte, Património Cultural e Museologia. Em 2002 foi professor convidado do curso de História da Arte, da Universidade do Tempo Livre – Associação Nacional de Apoio ao Idoso (ANAI), exercendo idênticas funções, desde 2005, na Associação de Solidariedade Social de Professores (ASSP). Integrou a Equipa Nacional do Inventário do Património Cultural Móvel (1991-1999), onde colaborou no estudo das colecções de ourivesaria e têxteis do Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC), dos acervos patrimoniais dos Arciprestados de Anadia e de Vila Nova de Foz Côa, e do Governo Civil do Distrito de Coimbra. Foi membro do Secretariado do Núcleo Português da Exposição *Feitorias. Arte Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Europália/91. Entre 1991-1993 integrou o corpo redactorial do semanário *Jornal de Coimbra*.

Desde 1999 exerce funções de técnico superior de museologia do MNMC, sendo corresponsável pelas colecções de ourivesaria, metais, têxteis e escultura. Colabora no inventário de colecções, concepção de guiões, montagem de exposições e na elaboração de material relativo às colecções deste museu.

Entre as suas publicações salientam-se: *Normas de inventário: arte, ourivesaria* (Lisboa, 2011, em colaboração); *Manuel Jardim: impressões da Arte Moderna* (Montemor-o-Velho, 2009, em colaboração); *Museu Nacional de Machado de Castro: roteiro* (Lisboa, 2005, em colaboração); Percursos artísticos de Coimbra: as Idades do Ferro. In *As Idades do Fogo: forma e memória das artes e ofícios dos metais* (Lisboa, 2005, em colaboração); A espiritualidade da arte medieval e o tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XII a XV. In *Ourivesaria Medieval: séculos XII a XV. A colecção do Museu Nacional de Machado de Castro* (Lisboa, 2004); Coimbra medieval e a arte da ourivesaria. In *Tesouros da ourivesaria medieval em Coimbra* (Coimbra, 2004, em colaboração); Colecção de escultura. In *Museu da Guarda: roteiro* (Lisboa, 2004); Misericórdia de Coimbra: devoção e arte. In *Memórias da Misericórdia de Coimbra: documentação e arte* (Coimbra, 2000); A construção da Casa da Livraria das Universidade de Coimbra. In *Actas do Colóquio «A Universidade e a Arte: 1290-1990»* (Coimbra, 1993).

Doctora en Historia (1992) es Profesora Titular de Historia Medieval en Universidad de Cantabria. Fue *Visiting Scholar* en el Departamento de Historia de la University of Michigan, entre 1993 y 1995. Su investigación se ha centrado en la transmisión social del conocimiento (escuelas, universidades y bibliotecas), así como en las carreras eclesiásticas del clero de las catedrales de los reinos de Castilla y León entre los siglos XI y XV. En concreto, ha estudiado la formación del clero de las catedrales castellanas y su relación con las universidades, véase por ejemplo: La formación cultural del clero palentino en la Edad Media (siglo XIV-XV). In *Actas del II Congreso de Historia de Palencia* (Palencia, 1990, p. 651-665); o La formación cultural del clero catedralicio salmantino en la Edad Media: siglos XII-XV. In *Actas del I Congreso de Historia de Salamanca* (Salamanca, 1992, p. 449-460).

Ha abordado también el tema de las bibliotecas a partir de los inventarios conservados de catedrales castellanas y las menciones a libros en la documentación, véase por ejemplo: La circulación de libros entre el clero y la biblioteca de la catedral de Burgos en la Edad Media. *Studium Ovetense*. 27 (1998) 7-28; Libraries and books used by the cathedral clergy in Castile during the Thirteenth Century. *Hispanic Research Journal*. 2/3 (2001) 191-210; o La biblioteca de Santo Domingo de Silos: cultura y enseñanza monástica en la Castilla del siglo XIII. In *Actas del Congreso Internacional Santo Domingo de Silos* (Silos, 2003, p. 555-567). Asimismo, ha estudiado el papel de los maestros, la organización de las escuelas catedralicias y ha intentado reconstruir el contenido de los programas escolares, véase por ejemplo: Masters and schools in the Castilian cathedrals during the spanish Middle Ages. *Medieval History* . 4 (1994) 218-246; La enseñanza en la Edad Media. In *X Semana de Estudios Medievales de Nájera* (Logroño, 2000, p. 61-95); y *Maestros, escuelas y libros: el universo cultural de las catedrales en la Castilla Medieval* (Madrid, 2004).

En los últimos años ha dirigido tres proyectos de investigación financiados por el Ministerio de Educación y Ciencia español – *Cultura, poder y redes sociales en la Castilla medieval: el clero de la Catedral de Burgos, siglos XIV-XV* – en los que estudia las carreras profesionales del clero catedralicio, su religiosidad y mentalidad, así como la relación de los cabildos catedralicios con los resortes de poder de las ciudades castellanas a través de la formación de redes clientelares de sus miembros. Algunos resultados de

estos proyectos pueden verse en: Religiosidad y muerte en el Burgos Medieval: siglos XIII-XIV. *Codex Aquilarensis*. 22 (2006) 43-72; Jerarquía y redes sociales en la Castilla medieval: la provisión de beneficios eclesiásticos en el cabildo de la Catedral de Burgos (1390-1440). *Anuario de Estudios Medievales*. 38/1 (2008) 271-299; Antigüedad, costumbre y exenciones frente a innovación en una institución medieval: el conflicto entre el maestrescuela y el cabildo de la Catedral de Burgos (1456-1472). *Hispania Sacra*. 60 (2008) 67-94; La vida intelectual de las canónicas hispanas en el siglo XII. In *Entre el claustro y el mundo: canónigos regulares y monjes premostratenses en la Edad Media*. Ed. J. A. GARCÍA DE CORTÁZAR y R. TEJA (Aguilar de Campo, 2009, p. 65-83); Disciplina clerical y control social en la Castilla medieval: el estatuto de corrección y punición del cabildo de la Catedral de Burgos (1452). In *Mundos medievales: espacios, sociedades y poder. Homenaje al Profesor García de Cortázar*. Eds. Beatriz ARÍZAGA [et al.] (Santander, 2012, p. 1453-1466); o en The monastic ideal of discipline and the making of clerical rules in late medieval Castile. *Journal of Medieval Monastic Studies*. 2 (2013) 135-150.

Armando NORTE

É licenciado em História pela Universidade de Lisboa (2007) e doutorado pela mesma instituição (2013), com uma tese intitulada *Letrados e cultura letrada em Portugal: séculos XII e XIII*. Pertence ao Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 2007, na qualidade de investigador integrado, associado ao Grupo de Investigação “Modelos Identitários”. No âmbito da atividade científica que desenvolve, tem colaborado na organização de jornadas e seminários, bem como em diversos projectos de investigação. Participa regularmente em seminários e colóquios científicos, tendo assegurado um ciclo de conferências sobre cultura medieval no âmbito dos seminários de Mestrado em História Medieval da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Durante o ano de 2010, co-organizou um seminário sobre *Memórias, Discursos e Práticas Sociais*, patrocinado pelo Centro de História desta mesma Universidade, onde também interveio como comunicante. Os seus principais tópicos de pesquisa dizem respeito a letrados, cultura letrada, história das universidades e história da cidade de Lisboa.

Entre as suas publicações salientam-se: As elites intelectuais e a guerra: manifestações ideológicas e modelos proselitistas na génese do reino português. In *A Guerra e a Sociedade na Idade Média*. Vol. 1 (Torres Novas, 2009, p. 377-391); Lentes, escolares e letrados: das origens do Estudo Geral ao final do século XIV, e Processos de institucionalização do Estudo Geral português. In *A Universidade medieval em Lisboa* (Lisboa, 2013, p. 89-147 e 149-186, respectivamente).

Hermínia Vasconcelos VILAR

É professora auxiliar com agregação no Departamento de História da Universidade de Évora onde lecciona desde 1989. Apresentou provas de agregação em 2007 e doutorou-se na Universidade de Évora, em 1998, com uma dissertação intitulada *As dimensões de um poder: a diocese de Évora na Idade Média*. Tem participado em diferentes projetos com destaque para: *Fasti Ecclesiae Portugaliae (1070-1325)*; *Aux fondements de la modernité étatique en Europe. L'héritage des clercs médiévaux*; *História do Alentejo, séculos XII-XX: aprofundamentos empíricos e a formação das elites e redes clientelares na Baixa Idade Média. Uma observação centrada em Évora*. É membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais. É investigadora integrada do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS) e membro colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR).

É autora de sete livros e de vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Entre as publicações mais recentes destacam-se: Território e poder em espaços de fronteira: a construção das unidades diocesanas no Sul de Portugal no século XIII. In *La historia peninsular en los espacios de frontera: las «extremaduras históricas» y la «transierra» (siglos XI-XV)*. Coord. Francisco GARCÍA FITZ e Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR (Cáceres-Murcia, 2012, p. 517-534); Lineage and territory: royal burial sites in the early Portuguese kingdom. In *Death at court*. Ed. Karl-Heinz SPIEB, Immo WARNTJES (Greifswald, 2012, p. 159-170); Da vilania à nobreza: trajetórias de ascensão e de consolidação no sul de Portugal (séculos XIII-XIV). In *Categorias Sociais e mobilidade urbana na Baixa Idade Média: entre o Islão e a Cristandade*. Ed. Hermínia VILAR e Maria Filomena BARROS (Lisboa, 2012, p. 145-161).

Estudos de História Religiosa

Volumes Publicados

1. Pedro Penteadó – *Peregrinos da Memória: o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré*
Lisboa, 1998. ISBN: 978-972-8361-12-9
2. Maria Adelina Amorim – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos*
Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-20-4
3. *Colóquio Internacional A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu – The Church and the Portuguese Clergy in the European Context*
Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-21-1
4. António Matos Ferreira – *Um Católico Militante Diante da Crise Nacional: Manuel Isaiás Abúndio da Silva (1874-1914)*
Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-25-9
5. *Encontro Internacional Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão (sec. XII-XIV) – Ecclesiastical Careers in Western Christianity (12th-14thc.)*
Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-26-6
6. Rita Mendonça Leite – *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: da exclusão a liberdade de culto (1852-1911)*
Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-28-0
7. Jorge Revez – *Os «Vencidos do Catolicismo»: Militância e atitudes críticas (1958-1974)*
Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-29-7
8. Maria Lúcia de Brito Moura – *A «Guerra Religiosa» na I República*
Lisboa, 2010. ISBN: 978-972-8361-32-7
9. Sérgio Ribeiro Pinto – *Separação Religiosa como Modernidade: Decreto-lei de 20 de Abril de 1911 e modelos alternativos*
Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-35-8
10. António Matos Ferreira e João Miguel Almeida (Coord.) – *Religião e Cidadania: Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*
Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-36-5
11. Ana Isabel López-Salazar Codes – *Inquisición y política: El gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)*
Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-39-6

12. Daniel Ribeiro Alves – *Os Dízimos no Final do Antigo Regime: Aspectos Económicos e Sociais (Minho, 1820-1834)*
Lisboa, 2012. ISBN: 978-972-8361-42-6
13. Hugo Ribeiro da Silva – *O Clero Catedralício Português e os Equilíbrios Sociais do Poder (1564-1670)*
Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-49-5
14. Anísio Miguel de Sousa Saraiva (Coord.) – *Espaço, Poder e Memória: A Catedral de Lamego, sécs. XII a XX*
Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-57-0
15. Maria João Oliveira e Silva – *A Escrita na Catedral: a Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média*
Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-54-9
16. Anísio Miguel de Sousa Saraiva e Maria do Rosário Barbosa Morujão (Coord.) – *O Clero Secular Medieval e as suas Catedrais: Novas Perspectivas e Abordagens*
Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-59-4

